

**AS CONEXÕES CANARIO-MADEIRENSES  
NOS SÉCULOS XV A XVII**  
Estado da questão e perspectivas para análises futuras

**A. VIEIRA  
C. E. H. A.**

1. O desenvolvimento económico do mundo insular do Atlântico Oriental imbrica-se de forma incisiva na estratégia de economia atlântico-europeia que desponta no século XV; primeiro, como região periférica, a sua política desenvolvimentista adequa-se às necessidades do mercado europeu fornecendo-lhe as produções agrícolas, capazes de satisfazer as suas deficiências alimentares e a necessidade mercantil, a troca das manufacturas, depois protagoniza a função de intermediário nas ligações entre o Velho e Novo Mundo, usufruindo com isso uma posição de relevo na economia atlântica.

De uma ou de outra forma essas situações materializaram uma excessiva vinculação das ilhas à sua remota origem peninsular, definindo uma estrutura mercantil frágil e comandada a partir desse centro peninsular. Todavia as condições peculiares do processo histórico insular definiram rumos marginais que escapam a essa omnipresença europeio-peninsular; estão nesse caso os contactos ou conexões inter-insulares, de carácter restrito ou alargado, que se afirmam como a mais peculiar materialização dos anseios das gentes deste mundo insular.

As condições específicas que regeram o desenvolvimento dessa realidade insular favoreceram a concretização dessas conexões, dependendo a sua afirmação de uma imprevisível complementaridade, resultante de tendência concentracionista e distributiva de produtos agrícolas pelos centros de decisão peninsulares. Desta forma a omnipresença europeia acarreta consigo essa consequente desvinculação e autonomia insular, firmadas nas relações inter-insulares.

A sua afirmação dependerá apenas de um conjunto variado de

factores endógenos, assim a posição geográfica, no caso da Madeira, facilitará o reforço dessa dimensão enquanto o devir histórico definirá os mecanismos de actuação e os rumos possíveis. Desta forma a Madeira surge nesse contexto numa posição destacada, pois a sua favorável posição geográfica, associada à anterioridade da sua ocupação e valorização económica fazem dela o centro do mundo insular, definindo uma trama complicada de conexões humanas, económicas e técnicas.

A Madeira surge assim no âmbito da expansão e valorização sócio-económica, serviu de matriz às posteriores iniciativas no Atlântico. Deste modo a ilha é um ponto de referência obrigatório nesse contexto, afirmando-se, num primeiro momento, como área de convergência de múltiplos interesses peninsulares e mediterrânicos em expansão. A facilidade da sua ocupação aliada ao rápido e elevado rendimento da sua agricultura fizeram desta um centro importante da dinâmica expansionista europeia nos séculos XV e XVI. A anterioridade do seu processo de ocupação coloca-a numa posição de relevo no contexto da expansão europeia, tornando obrigatória a sua referência no conhecimento das diversas sociedades e economias que os europeus geraram no multifacetado espaço atlântico.

A Madeira, porque inabitada, podia responder de imediato às necessidades do português, que moldou o seu espaço geográfico às solicitações económicas e políticas da coroa portuguesa. No espaço de vegetação luxuriante foram criadas arroteias salpicadas de searas, latadas e hortas e das enseadas fizeram-se importantes portos de mar, tão necessário ao apoio às navegações ao longo da costa ocidental africana ou para eventuais assaltos às Canárias. Em resultado da conjuntura contrubada das Canárias, que perdura até 1480, a Madeira surge no contexto de expansão atlântica no século XV como uma peça-chave para a firmação da hegemonia portuguesa. Tais condicionantes materializaram o rápido surto da nova sociedade e da economia madeirense que deterão uma função primordial na actividade expansionista portuguesa.

A Madeira apresenta-se, no século XV, como uma encruzilhada de opções e apoios adequados às solicitações do Portugal em expansão, e daí o seu rápido desenvolvimento económico e social. Os produtos da agricultura, para além de solucionarem as carências do reino, provocaram o rápido enriquecimento dos seus agentes e a dis-

ponibilidade de capital para as empresas bélicas em Marrocos e as navegações ao longo da costa africana.

Estas ilhas do Atlântico Ocidental materializaram de forma clara a estratégia da civilização atlântico-mediterrânica. Estas surgem no século XV a dar resposta a algumas das solicitações que alicerçavam os rumos da economia e sociedade ocidental; primeiro surgem como escala ou porto seguro para os seus intentos no Atlântico, depois destacam-se como áreas de *ensaio* de culturas activadoras do mercado mediterrânico e capazes de suprir a quebra das rotas do Oriente pelo Mediterrâneo ou, ainda, satisfazer as carências alimentares.

Nesta dupla intervenção se alicerçará a economia insular marcada pela subserviência aos vectores dinamizadores do dirigismo económico europeu. Tais condicionantes aliadas às diferenças e assimetrias, resultantes da estrutura do solo e clima actuam como virtuais mecanismos de distribuição das culturas, componentes da dieta alimentar (cereais, vinha) e resultantes das solicitações das praças europeias (açúcar, pastel).

A premência de tal conjuntura na economia insular materializar-se-á numa tendência marcante destas ilhas para uma exploração económica baseada na monocultura ou dominância de um produto. Todavia a heterogeneidade do espaço insular estabelecerá um travão a essa tendência, definindo uma situação de equilíbrio mercê de uma política distributiva ou de arrumação das culturas; surgem assim, áreas de produção para a subsistência ou troca. Deste modo a afirmação do açúcar na Madeira implicou o aparecimento de novas áreas de produção cerealífera (Açores, Canárias), capazes de atenderem a esta ilha e às praças que até então dependiam dela. Também nas Canárias o surto açucareiro de La Palma e Gran Canaria dependerá da afirmação plena da cultura cerealífera em Lanzarote e Fuerteventura. Apenas nas ilhas de S. Miguel e Tenerife foi possível, mercê da hábil política dos seus governantes, conciliar as necessidades de subsistência com a voracidade das solicitações do mercado externo.

Tal ambiência definiu essa necessária complementaridade dos espaços insulares, que ultrapassa a dimensão arquipelágica, e ao mesmo tempo gerou uma trama complicada de circuitos comerciais inter-insulares. Nesse contexto a Madeira encontra-se numa posição secundária, pois a existência de apenas duas ilhas e, sendo uma delas de reduzidos recursos, estava inviabilizada essa necessária

política de complementaridade; daí o recurso às dos arquipélagos vizinhos. Nos Açores (com nove ilhas) e Canárias (com sete) essa política tem o campo aberto para a sua afirmação; a macrocefalia de S. Miguel e Terceira, Tenerife e Gran Canaria é uma consequência dessa situação.

Uma das vertentes mais pertinentes da economia insular é a subsistência das gentes que lá residem ou demandam os seus portos. Deste modo a cultura dos cereais e da vinha, que definem os componentes básicos da dieta alimentar dominam as iniciativas de valorização económica mediterrâneo-europeia. A todas as ilhas chegam os cereais e as cepas, dependendo a sua afirmação das condições do meio e do impulso dado pelos povoadores. Com o decorrer dos tempos estabelece-se, naturalmente, uma repartição destas culturas ficando os cereais nos Açores (S. Miguel, Terceira, Graciosa) e Canárias (Lanzarote, Fuerteventura e Tenerife) enquanto o vinho surgirá com grande relevo na Madeira, Pico, Tenerife, La Palma e La Gomera. Para o cereal o mercado preferencial estava nas ilhas ou arquipélagos vizinhos, enquanto com o vinho o mercado consumidor será definido pelo continente americano e Inglaterra.

O açúcar e o pastel surgem na agricultura insular como uma imposição europeia que se enquadra nas necessidades desse mercado; a Europa distribui os produtos agrícolas pelas áreas adequadas e assegura as condições necessárias à sua implantação, escoamento e comércio. Os incentivos da coroa e municípios, aliados à sua elevada valoração pelos agentes europeus, actuaram como mecanismo de desenvolvimento e expansão destas culturas no mundo insular.

A cana-de-açúcar, pelo seu alto valor económico no mercado europeu-mediterrânico, foi um dos primeiros produtos que a Europa nos legou e impôs às novas áreas de ocupação; primeiro na Madeira e daí passou aos Açores e Canárias. Todavia nos Açores saíram goradas as diversas tentativas de implantação desta cultura. Nas Canárias a fase de apogeu, circunscrita à primeira metade do século XVI, coincide com o declínio da mesma cultura na Madeira.

O pastel, outra importação europeia, surge nas ilhas da Madeira, El Hierro, Tenerife, La Palma, S. Miguel, Terceira e Faial, todavia só nestas últimas (açorianas) adquiriu uma dimensão particular no comércio externo, nomeadamente com Inglaterra.

Como corolário dessa dinâmica económica surge a actividade

comercial que anima as povoações costeiras e estabelece a ligação deste espaço com o mercado europeu, africano e americano.

A valorização da rota de conexão peninsular resolveu, nos três arquipélagos, das iniciais isenções fiscais e da manutenção pelos povoadores dos laços sentimentais à terra-mãe, donde partiram os cabouqueiros e chegavam os necessários artefactos.

As ligações de cada arquipélago com o Velho e Novo Mundo Atlântico eram assíduas e faziam-se a partir dos principais centros de navegação e comércio; na Madeira essa função era assumida pelo Funchal, enquanto nos Açores distribuía-se por Angra e Ponta Delgada e nas Canárias por Las Palmas e Santa Cruz de Tenerife.

A partir destes importantes portos oceânicos delinear-se-iam novas rotas de cabotagem que ligavam estes centros redistribuidores às áreas productoras e consumidoras. Assim o porto de Angra detém uma importante missão de conexão com as ilhas Graciosa, S. Jorge, tal como a da Horta dominava o comércio do Pico. O mesmo sucede nas Canárias em Las Palmas em relação a Lanzarote e em Santa Cruz de Tenerife em relação a Fuerteventura, La Palma e La Gomera.

Quanto às ligações com o Novo Mundo a Madeira e as Canárias estão numa posição privilegiada, mercê da sua situação charneira nas rotas de ida que ligavam o velho continente ao litoral africano e índias Orientais e Ocidentais. Os Açores porque posicionados estrategicamente na rota de regresso do comércio oceânico usufruíram apenas da possibilidade de contrabando ou das facilidades resultantes da permanência de mercados europeus empenhados nesse trato.

As Canárias foram as ilhas que tiraram mais partido do comércio com o Novo Mundo. O comércio canário-americano no século XVI surge como uma grande esperança e fonte de riqueza para as gentes das ilhas, todavia essa situação deverá depender da disponibilidade de recursos humanos, técnicos, materiais e, acima de tudo, da relativa liberdade comercial existente até 1564, mercê do controle exercido pela Casa de Contratação de Sevilha (1502).

Para a Madeira e Açores esse destino e mercado manteve-se, por muito tempo, apenas como uma esperança e, só em finais do século XVI, açorianos e madeirenses conseguem penetrar aí com a sua oferta ventajosa do vinho. Até lá restava a oportunidade de contrabandear com as embarcações que apareciam desgarradas ou des-

protegidas na costa açoriana e madeirense. Todavia os mares da Madeira porque alheios ao sistema de vigilância às embarcações montado pela Provedoria das Armadas, sediada na Ilha Terceira e a Armada das Ilhas, facilitavam o contrabando o que levou o monarca filipino a estabelecer em 1581 limites e formas de segurança a essa abordagem «ocasional» (?).

A posição estratégica do *Mediterrâneo Atlântico* em face do comércio e navegação conduziu à sua valorização pelas coroas peninsulares qua daí fizeram depender toda a acção de apoio, defesa e controle do comércio no espaço oceânico. Estas eram os bastiões avançados da península, suportes e símbolos da hegemonia ibérica no Atlântico.

O estudo da dinâmica institucional insular assenta nas suas principais componentes administrativas que deram consistência societal lançada pelos povos ibéricos no Atlântico. Nesse contexto o século XV surge como o momento mais importante para a sua afirmação além-atlântico. Aí a Madeira e as Canárias detiveram uma importância primordial no lançamento ou expansão dessa nova dinâmica institucional. Todavia condicionantes de vária ordem definiram uma diversa formulação das instituições e formas de governo; a Madeira porque desocupada não estava sujeita a qualquer entrave à nova forma de governo lusiada, enquanto nas Canárias a existência de uma população indígena dificultou essa tarefa e permitiu a subsistência dos laços tardo-medievais no tipo de governo experimentado.

2. A História das ilhas atlânticas tem merecido, na presente centúria, um tratamento preferencial no âmbito da História do Atlântico; primeiro foram os investigadores europeus como F. Braudel (1949), Pierre Chaunu (1955-1960), Frédéric Mauro (1960) e Charles Verlinden (1960) a destacar a importância do espaço insular no contexto da expansão europeia, depois surge a historiografia nacional a corroborar essa ideia e a equacioná-la nas dinâmicas da expansão peninsular - Francisco Morales Padron (1955) e Vitorino Magalhães Godinho (1963).

Tal ambiência condicionou os rumos da historiografia insular nas últimas décadas, contribuindo para essa necessárias abertura as novas teorias e orientações do conhecimento histórico. Nesse contexto as décadas de setenta e oitenta demarcam-se como momentos importantes no progresso da investigação e saber históricos; para

isso terá contribuído a definição de estruturas institucionais e de iniciativas afins, activadoras desse salto qualitativo.

Deste modo neste final da década de oitenta, importa fazer o ponto da situação da realidade historiográfica insular no sentido de equacionar o progresso futuro e a sua adequação às novas realidades e desejos do findar deste século. Aqui apresentamos o nosso parco contributo, rastreando essa realidade através da Historiografia, arquivos, revistas e colóquios da especialidade.

A produção historiográfica insular é desigual, dependendo o seu número da existência de literatos e de instituições capazes de incentivarem a produção e divulgação de estudos nos diversos domínios. A similitude do processo vivencial aliado à sua permeabilidade às perspectivas históricas peninsulares definiram uma certa unidade na forma e conteúdo da historiografia insular. Gaspar Frutuoso, em finais do século XVI com as *Saudades da Terra* define e sintetiza essa unidade insular, aproximando os arquipélagos da Madeira, Açores e Canárias. Esta situação ímpar na historiografia só será retomada na década de quarenta do nosso século pela historiografia europeia e na nossa década pela nova geração de historiadores insulares. Essa consciência histórica de unidade desta múltipla realidade arquipelágica será definida de modo preciso na expressão braudeliana de Mediterrâneo Atlântico.

A historiografia insular permeável às suas origens europeias surge na alvorada da revolução do conhecimento cosmológico como a expressão pioneira dessa novidade e, ao mesmo tempo, como uma necessidade institucional de justificação da intervenção e soberania peninsular. Deste modo o período que medeia os séculos XV e XVI é marcado por uma produção historiográfica mais europeia que local, próxima da crónica e da literatura de viagens, onde esses ideais se expraíam. Os factos históricos e as impressões das viagens atlânticas, perpetuados nas crónicas e relatos de diversa índole terão uma utilização posterior de acordo com as exigências da época. A prosa histórica é impregnada desse ideal romântico servindo-se de perspectivas e formas positivistas para justificarem e fundamentarem certos meteoritos políticos que a sociedade insular contemporânea é portadora.

No culminar desse processo as exigências académicas, com a expansão do saber universitário, as solicitações do novo saber histórico condicionaram esse avanço qualitativo da historiografia, a partir da década de quarenta. Assim nas Canárias a tradição e vivência



universitária condicionaram esse forte arranque, enquanto nos Açores o academismo cultural e, depois a universidade lançaram este arquipélago para uma posição similar. A Madeira, prenhe em documentos manteve-se numa posição secundária, mercê da falta desse suporte institucional e académico. Todavia as condições emanentes da dinâmica autonómica com o aparecimento de suportes institucionais auguraram um futuro promissor.

A Historiografia insulana desenvolve-se por três épocas distintas, marcadas por um modo diferente de equacionar e relatar o facto histórico; primeiro um momento inicial, entre os séculos XV y XVIII, em que o discurso se formaliza na crónica; segundo período definido pelo século XIX e primeira décadas do seguinte, marcado pela vaga romântica; terceiro o defrontar de uma nova era, a partir da década de quarenta do nosso século, que condicionou a política arquivística e a investigação universitária.

O primeiro momento é definido por uma situação ímpar no equacionar da realidade histórica insular, pela primeira vez alguém ousou encarar estas ilhas do Atlântico Oriental (Madeira, Canárias, Cabo Verde) como uma unidade indelével e afim, marcada por momentos de grande importância para o devir histórico do Atlântico nos séculos XV e XVI. Note-se que só a partir de meados do nosso século a Historiografia europeia se deu conta dessa realidade, merecendo assim o trabalho de Gaspar Frutuoso —*Saudades da Terra*— uma posição de relevo no panorama historiográfico insular.

O século presente é sem dúvida o momento de afirmação da Historiografia insulana; um conjunto variado de realizações públicas, o lançamento de publicações da especialidade e a criação dos arquivos distritais ou provinciais alicerçaram essa nova realidade<sup>1</sup>.

Todavia o interesse pela temática das conexões insulares é uma realidade recente, cabendo a Elias Serra Rafols<sup>2</sup> o mérito de apontar a necessidade de uma valorização na pesquisa histórica de presença portuguesa em Canárias e das influências daí resultantes. Apenas José Pérez Vidal<sup>3</sup> entendeu esse apelo e procedeu a exaustivos estudos do domínio etnográfico e linguístico que revelaram quão importante é essa presença e influência portuguesa na sociedade canária.

Por parte dos historiadores essa temática só começou a interessar com o aparecimento dos colóquios nos três arquipélagos na presente década; assim em 1982 no V Colóquio Internacional de

Histórica Canario-Americana realizado em Las Palmas Artur Teodoro de Matos<sup>4</sup> chamava a atenção para as conexões canário-açorianas o que motivou no ano imediato a presença de Manuel Lobo Cabrera, Elisa Torres Santana e M. Martin Socas<sup>5</sup> na Terceira, no *I Colóquio Sobre os Açores e o Atlântico. Séculos XIV-XVII* em que idêntica análise de relacionamento das Canárias com a Madeira e os Açores na perspectiva das fontes canárias.

Deste modo em 1986 com a realização do primeiro Colóquio Internacional de História da Madeira essa temática fica consignada nos meios historiográficos insulares, sendo o motivo dominante da sua realização. Aí se discutiram em mesa-redonda, questões importantes das dinâmicas insulares e surgiram importantes estudos sobre as conexões canário-madeirenses<sup>6</sup>.

Foi nessa ambiência que foi criado a 6 de Agosto de 1985 o Centro de Estudos de Historia do Atlântico com sede na Madeira com o intuito de congregar os esforços dos investigadores insulares em prol de um mais vasto conhecimento da realidade histórica deste espaço conhecido como o Mediterrâneo Atlântico.

Também nós empenhamos desde 1983 no estudo desta realidade em termos comparativos e de relacionamento; aí tivemos oportunidade de constatar a importância do cereal nas conexões canário-açoriano-madeirenses, bem como das possíveis vias de abordagem destas ilhas, recorrendo ao método comparativo, de que resultaram algumas observações importantes sobre o direito local<sup>8</sup> e as dinâmicas económicas e sociais.

Para isso socorremo-nos da extensa bibliografia disponível, nomeadamente para as Canárias, e das fontes documentais existentes nos arquivos dos três arquipélagos; enquanto nas Canárias essa pesquisa incidiu preferencialmente nos protocolos, para a Madeira abordamos os núcleos mais importantes do Arquivo Regional da Madeira (Vereações do Funchal Séculos XV-XVII, Julgado de Resíduos e Capelas, Misericórdia do Funchal e Registros Paroquiais 1538-1700). Aqui destaque para as vereações do município funchalense que, mercê da obrigatoriedade da abertura do cereale mais produtos de importação no Senado da Câmara<sup>10</sup>, permitiu-nos, à falta dos registos alfandegários, contabilizar as relações comerciais com esses dois arquipélagos vizinhos. A falta dos registos notariais nos três primeiros séculos de vida da sociedade madeirense impedem-nos de avançar no conhecimento da economia e sociedade desta ilha e por consequência dos mecanismos activadores dessas conexões

canário-madeirenses. O mesmo se poderá dizer com os registos alfandegários, principais testemunhos desse relacionamento da ilha com o exterior, de que apenas dispomos de alguns fragmentos para o Funchal e Santa Cruz<sup>11</sup>.

3. Para Pérez Vidal<sup>12</sup> a presença portuguesa nas Canárias resultou da sua intervenção em dois momentos decisivos; um primeiro, demarcado pela iniciativas políticas da coroa e do infante D. Henrique, nos séculos XIV e XV que terá o seu epílogo em 1479 com o tratado de Alcáçovas, um segundo de iniciativa particular, abrangendo os séculos XVI e XVIII em que os impulsos individuais se sobre põem à iniciativa oficial. Este último é o momento de expressão plena dessa presença lusíada e de paulatino afinhar dessa realidade em face da separação das coroas ibéricas e da guerra de fronteiras mantida até 1665. Deste modo a conjuntura política teve uma influência decisiva na afirmação desta realidade.

Aliás esta é uma dimensão que acompanha desde o início as conexões canário-madeirenses, pois enquanto no século XV a vinculação da Madeira a Lanzarote se filia na célebre *questão das Canárias*<sup>13</sup>, para os finais do século seguinte a reafirmação dessa realidade e o seu alargamento a todo o arquipélago canário é resultado da ocupação da ilha em 1582 por D. Agustín Herrera<sup>14</sup>, acto que materializou na Madeira a união das coroas peninsulares. Todavia o efeito social destes dois fenómenos em ambos os arquipélagos foi diverso, pois enquanto o primeiro permitiu a afirmação do madeirense em Lanzarote, o segundo para além do natural reforço dessa realidade condicionou a presença canária no Funchal que nunca foi muito significativa na sociedade madeirense<sup>15</sup>. Talvez o momento de intervenção mais significativo surja no século XV com a presença dos aborígenes canários, na condição de escravos, ao serviço da pastorícia e safra do açúcar<sup>16</sup>.

Se à componente política se deverá conceder o mérito de abertura dessa movimentação social, às conexões económicas ficará a missão de reforçar e sedimentar esse relacionamento, desta forma as conexões comerciais surgem em simultâneo como consequência e causa dessas migrações humanas. Todavia esse relacionamento só adquirirá a sua plenitude no século XVI, incidindo preferencialmente no comércio de cereais dos mercados produtores de Tenerife, Fuerteventura e Lanzarote<sup>17</sup>, resultado do processo económico assente na complementaridade<sup>18</sup>.

Deste modo orientamos a nossa atenção para estas duas com-

ponentes das conexões canário-madeirenses para depois revelarmos sumariamente as possíveis implicações em ambas as sociedades, testemunhadas pela etnografia e linguística.

A proximidade da Madeira ao arquipélago canário em conjugação com o rápido surto do povoamento e valorização sócio-económica do solo madeirense orientaram atenções do madeirense para esta promissora terra. Assim decorridos apenas vinte e seis anos sob a sua ocupação os madeirenses embrenharam-se na controversa questão das Canárias ao serviço do infante. Em 1446 João Gonçalves, sobrinho de Zargo, é enviado pelo infante a Lanzarote como plenipotenciário para firmar o contrato de compra dessa ilha. Acompanham-no caravelas de Tristão Vaz, capitão donatário em Machico e de Garcia Homem de Sousa, genro de Zargo<sup>19</sup>. Passados alguns anos, em 1451, o infante envia nova armada, organizada pelos vizinhos de Lagos, Lisboa e Madeira, participando nela Rui Gonçalves filho do donatário do Funchal<sup>20</sup>.

Esta intervenção madeirense na empresa canária conduziu a uma maior aproximação dos dois arquipélagos ao mesmo tempo que influenciou o traçado de vias de contacto e comércio entre os dois arquipélagos. Pela Madeira tivemos, primeiro, o saque fácil de mão-de-obra escrava para a safra do açúcar e, depois, o recurso ao cereal e à carne, necessários à dieta alimentar do madeirense<sup>21</sup>. Pelas Canárias o recurso à Madeira com o porto de abrigo das gentes molestadas com a conturbada situação que aí se viveu no século XV. Note-se que em 1476 com a acção de conquista levada a cabo por Diogo de Herrera, muitos dos descontentes com a situação das ilhas emigraram para a Madeira ou Castela<sup>22</sup>. De entre estes tivemos em 1476 a vinda para a Madeira de Pedro e Juan Aday, Juan de Barros, Francisco Garcia, Bartolomé Heveto e Juan Bernal<sup>23</sup>.

Esta corrente migratória resultante do descontentamento gerado em face do processo de conquista e ocupação do arquipélago canário iniciara-se já por volta de meados do século XV, sendo seu arauto Maciot de Bettencourt. Este amargurado com o evoluir do processo e em litígio com os interesses da burguesia de Sevilha cede em 1448 o direito do senhorio de Lanzarote ao infante D. Henrique mediante avultada soma de dinheiro, de fazendas e regalias na Madeira<sup>24</sup>. Iniciava-se assim uma nova vida para esta família de origem normanda que das Canárias passa à Madeira e aos Açores, relacionando-se aí com a principal nobreza da terra, o que lhe valeu uma posição destacada na sociedade madeirense e micalense do

século XVI<sup>25</sup>. No desterro de Maciot de Bettencourt acompanharamo a sua filha Maria e os seus sobrinhos e netos Henrique e Gaspar. Todos estes conseguiram uma posição de prestígio e avultadas fazendas mercê do seu relacionamento matrimonial com as principais famílias da Madeira. D. Maria Bettencourt, por exemplo, casou com Rui Gonçalves da Câmara, filho-segundo do capitão do donatário do Funchal e futuro capitão do donatário da ilha de S. Miguel.

A compra em 1474 por Rui Gonçalves da Câmara da capitania da ilha de S. Miguel implicou a ramificação desta família aos Açores. Com D. Maria Bettencourt seguiu para Vila Franca o seu sobrinho Gaspar que mais tarde viria a encabeçar o morgadio da tia em S. Miguel, avaliado em 2.000 cruzados<sup>26</sup>. Os filhos deste, Henrique e João evidenciaram-se na época pelos serviços à coroa, tendo recebido em troca muitos benefícios.

Henrique de Bettencourt preferiu o sossego das terras da Band'Além, na Ribeira Brava, onde vivia em riquíssimos aposentos. Aí instituiu um morgado e teve uma intervenção muito activa na vida municipal e nas campanhas africanas<sup>27</sup>. Os seus descendentes destacaram-se na vida local e nas diversas campanhas militares em África, Índia e Brasil<sup>28</sup>.

Se esta primeira vaga migratória trau o rumo e destino madeirense, a expedição pacificadora de D. Agustin de Herrera, conde de Lanzarote, em 1582, sedimentou e estreitou os contactos entre a Madeira e Lanzarote<sup>29</sup>. O próprio conde de Lanzarote, na sua curta estadia na ilha, foi um dos arautos desse relacionamento, pois ligou-se aos Acciaiolis, importante casa de mercadores e terratenentes florentinos, sediada na ilha desde 1515<sup>30</sup>.

As hostes castelhanas seguiram o exemplo do chefe, tendo muitos dos trezentos homens do presidio criado família na ilha<sup>31</sup>. Note-se que no período de 1580 a 1600 os espanhóis surgem em primeiro lugar na imigração madeirense<sup>32</sup>.

O descerco em 1640 trouxe consigo consequências funestas para esse relacionamento. Assim a propulação oriunda da Madeira sediada em Lanzarote foi alvo de represálias, sendo de destacar a confiscação dos bens do filho varão de Simão Acioli que casara com a filha do Conde de Lanzarote<sup>33</sup>.

En síntese o relacionamento humano da Madeira com a ilha de Lanzarote define-se por duas fases distintas, ambas consequência da conjuntura política. Primeiro, em 1448, a compra do senhorio de

Lanzarote pelo infante D. Henrique traçou esse rumo. Depois a expedição do Conde de Lanzarote em 1582 reforçou-o e manteve-o até 1640. As hostilidades que conduziram ao descerco da tropa do presidio puseram em causa esse relacionamento comercial e humano, em ambos os sentidos.

A esse desmesurado empenhamento madeirense na luta pela atribuição da soberania das Canárias deverá juntar-se o empenho dos chefes da conquista castelhana em encontrar na Madeira as gentes e os productos necessários à valorização económica do arquipélago; tal veio a suceder com a iniciativa do governador de Gran Canaria, D. Pedro de Vera, de solicitar à Madeira as socas de cana e os técnicos necessários à promoção dessa cultura<sup>34</sup>. Estava assim aberta a via para essa influência decisiva do madeirense na agricultura canária.

Desta forma o impacto lusíada nas Canárias surgiu muito cedo tendo a Madeira como um dos principais eixos desse movimento. Essa presença alarga-se às ilhas de La Palma, Lanzarote, Tenerife e Gran Canária, adquirindo aí os portugueses uma posição de destaque, surgindo entre os principais obreiros da valorização económica destas ilhas; estes foram exímios agricultores, pescadores, pedreiros, sapateiros, mareantes, deixando marcas indeléveis da portugalidade na sociedade canária<sup>35</sup>.

A tradição bélica e aventureira de alguns desses troncos madeirenses levou-os à participação activa nas campanhas de conquista de Tenerife<sup>36</sup>, recebendo por isso, como recompensa, inúmeras dadas de terra<sup>37</sup>; daí a forte presença lusíada nesta ilha, onde em algumas localidades, como Icode e Daute, surgem como o grupo maioritário<sup>38</sup>. Aliás Granadilha foi fundada por Gonzalo Gonzalez Sarco filho de João Gonçalves Zarco, capitão do donatário no Funchal<sup>39</sup>. A prova da importância da comunidade lusíada nesta ilha está atestada nos *acuerdos del cabildo* onde estes são sempre referenciados em segundo lugar<sup>40</sup>. O mesmo se poderá dizer em relação à vizinha ilha de La Palma onde os portugueses marcaram bem forte a sua presença, tendo a testemunhá-lo a existência de alguns registos paroquiais feitos em português<sup>41</sup>. Entretanto em Lanzarote destacar-se-á nesse contexto o forte impacto madeirense comprovado aliás pelas inúmeras referências da documentação e pela afirmação de Viera y Clavijo<sup>42</sup> de que a Madeira era tão familiar para os lanzarotenhos que era conhecida aí como a *ilha*<sup>43</sup>.

Em Gran Canaria e Tenerife a presença portuguesa no século

XVI repercutia-se na toponímia as ruas de Las Palmas, Santa Cruz e San Cristóbal onde encontramos uma rua com a designação *calle de los portugueses*<sup>44</sup>.

Essa acentuada presença lusíada no arquipélago será resultado não só das possibilidades económicas que o mesmo oferecia e as necessidades em mão-de-obra, mas também pela possibilidade que oferecia à penetração no comércio com a corte africana e depois com o novo continente americano<sup>45</sup>. Assim num primeiro momento seremos confrontados com um grupo numeroso de aventureiros dos quais se recrutaram os oficiais mecânicos e agricultores e só depois surgindo os agentes de comércio e transporte<sup>46</sup>, todos eles tiveram uma acção decisiva na valorização económica do arquipélago nos séculos XV e XVII. Ao invés os primeiros italianos e flamengos que surgem nesse arquipélago são predominantemente mercadores que investem a sua fortuna no progresso destas ilhas<sup>47</sup>.

Se esta aproximação ao real valor e dimensão da presença portuguesa se torna possível quantificar no global, o mesmo já não sucederá ao nível local de cada região pois só raramente aparece testemunho, nos diversos actos naturais, desse local de origem dos intervenientes portugueses. O facto de muitos destes surgirem em diversos actos relacionados com outros da Madeira ou outorgando poderes para a cobrança de dívidas e administração das heranças leva-nos a suspeitar da sua origem madeirense. Todavia neste momento apenas nos preocupamos com aqueles que permitiram exarar na documentação a sua origem madeirense.

A partir de uma listagem desses madeirenses, reunida na diversa bibliografia e documentação consultada constata-se a maior incidência destes nas ilhas de Lanzarote, Tenerife e Gran Canaria:

Morada	Século XVI	Século XVII	TOTAL
Fuerteventura	—	1	1
Gran Canaria	20	7	27
Hierro	1	—	1
La Palma	1	5	6
Lanzarote	10	225	235
Tenerife	38	11	49

Esses trezentos e dezanove madeirenses que deixaram registados o seu nome e origem na documentação de Canárias surgem entre 1508 e 1668, incidindo a maioria (80%) no período de união das duas coroas, o que testemunha ter sido este um momento assaz benéfico para o sedimentar das conexões canário-madeirenses. O mesmo se poderá dizer quanto aos poucos canários que rumaram na direcção da Madeira; apenas no período de 1530 a 1614 surgem trinta e cinco também maioritariamente (71%) incidindo nesse momento.

Origem	Século		Total
	XVI	XVII	
Tenerife	4	5	9
La Palma	4	2	6
Lanzarote	2	2	4
Gran Canaria	6	7	13
Hierro	1	—	1
Fuerteventura	—	1	1
?	1	—	1

Num e noutro caso nota-se uma incidência particular nas ilhas de Tenerife, La Palma, Lanzarote e Gran Canaria, aqueles que acolheram os madeirenses e mantiveram um trato assíduo com a Madeira nos séculos em causa. Todavia ao nível das actividades sócio-profissionais deste grupo migrante destaca-se algumas diferenças, assim enquanto esse grupo que surge na Madeira é composto preferencialmente por soldados que desde 1582 vieram para a ilha no terço de ocupação, para os madeirenses sediados nas Canárias a sua actividade situa-se mais no sector do comércio e transporte (28%) e nos diversos ofícios mecânicos (15%), destacando-se no primeiro caso os mercadores (80%) e no segundo os sapateiros (38%). Aliás em relação a este último ofício os madeirenses eram aí conhecidos como exímios executantes e afamados mestres nessa arte<sup>48</sup>. Na Madeira a cultura das peles e manufactura do calçado eram um sector privilegiado das artes oficinais e além disso a ilha era um importante centro produtor de sumagre tão necessário aos curtumes que se exportava em grandes quantidades para as Canárias<sup>49</sup>. Note-se, ainda que ambos os ofícios supracitados têm uma



incidência particular na ilha de Lanzarote, surgindo aí 94% dos mercadores e 83% dos sapateiros.

A classe mercantil de origem madeirense sediada nas Canárias segue um rumo peculiar; assim estes ao contrário dos flamengos e italianos não se avizinham de imediato, mantendo o seu estatuto de estantes e só depois com o progresso das suas operações comerciais, dos investimentos fundiários é que surge a necessidade de se instalar com carácter permanente. Esta situação domina de um modo geral a comunidade madeirense uma vez que só no período da união das duas coroas o madeirense renuncia a esse estatuto precário e adquire o de vizinho ou residente. Certamente a continuidade e aumento das conexões canário-madeirenses conduziram a essa viragem.

As mudanças operadas na conjuntura política a partir dos acontecimentos do ano de 1640 condicionaram essa situação do madeirense, assim este que até então usufruía de um estatuto preferencial na sociedade e economia lanzarotenha, por exemplo, desaparece paulatinamente do palco de acção. E, facto insólito, os poucos que conseguimos rastrear na documentação procuram ignorar ou apagar a sua origem, surgindo apenas com a indicação de vizinhos. Pelo menos é o que sucede com Domingos Pires, mercador madeirense, que na carta de fretamento de 13 de Setembro de 1645<sup>50</sup> apenas se identifica como vizinho, quando em 1629<sup>51</sup> não ignorava a sua origem madeirense.

Poderá entender-se esta mudança de atitude como um esquecimento premeditado da origem como forma de se furtar a qualquer represália<sup>52</sup>.

Na consulta que fizemos aos protocolos de Lanzarote no período de 1619 a 1670 constatamos, a partir de 1645, um hiato no rastreio das operações envolvendo madeirenses ou que tenham a Madeira como ponto de referência; encontramos apenas dois documentos isolados, sendo um de 1653 e o outro de 1668<sup>53</sup>. Aliás dos duzentos e sessenta actos que reunimos na documentação para esse período apenas dez são posteriores a 1640, sendo oito nos primeiros cinco anos dessa década.

Deverá entender-se, mais uma vez, este hiato como resultado da represália em face dos acontecimentos políticos que se sucederam a partir de 1640 ou ao invés um desinteresse mútuo pela manutenção dessas conexões.

Note-se que esta situação coincide com o fim do relaciona-

mento comercial incidindo sobre os cereais pois a partir de 1641 o cereal de Canárias deixa de aparecer no Funchal, sendo substituído pelo açoriano ou por novos mercados como a Berberia e América do Norte<sup>54</sup>. Esta última situação será resultado da crise da produção cerealífera canária ou fruto dessa ambiência de mútua represália peninsular.

4. O fenómeno migratório entre a Madeira e as Canárias tem a sua origem na diversa conjuntura política dos séculos XV e XVI, para as conexões comerciais essa motivação deverá ser encontrada na estratégia de desenvolvimento económico definida pelas coroas peninsulares para estas ilhas; a especialização de uma determinada área, numa determinada cultura só será possível se próximo existir um hiterland capaz de satisfazer as suas carências alimentares. Deste modo a afirmação das culturas da cana-de-açúcar e da vinha na Madeira só se tornou possível quando ficou garantido nas ilhas vizinhas das Canárias e Açores o necessário celeiro e açougue capaz de suprir as carências alimentares dos madeirenses. Essa complementaridade do espaço insular será a principal origem das conexões comerciais que se estabelecem entre ilhas ou arquipélagos. As dificuldades surgidas com o provimento do cereal açoriano ao Funchal, estabelecido em 1508 como obrigatório pela coroa, terão conduzido à definição deste segundo mercado, cuja dificuldade em penetrar estava minorada em face da presença dominante de madeirenses em algumas das ilhas das Canárias que dispunham do necessário excedente cerealífero —Tenerife e Lanzarote<sup>55</sup>.

Deste modo a Madeira que no século XV se havia afirmado como um importante mercado fornecedor de cereal ao reino e às praças de Marrocos surge já na década de setenta dessa centúria com dificuldades no seu abastecimento pelo que se tornava necessário estabelecer uma nova área capaz de substituir a ilha nessa missão frumentária e de atender às suas necessidades. Assim sucedeu com o progresso da exploração do solo açoriano que veio exercer essa necessária substituição e alternativa às solicitações madeirenses.

Giulio Landi, na década de trinta do século XVI aquando da sua visita à Madeira tomou contacto com essa realidade e dela deixou memória:

«A ilha produziria em maior quantidade se semeasse. Mas a ambição das riquezas faz com que os habitantes descuidando-

se de semear trigo, se dediquem apenas ao fabrico de açúcar, pois deste tiram maiores proveitos, o que explica não se colher na ilha trigo para mais de seis meses. Por isso há uma carestia de trigo pois em grande abundancia é importado das ilhas vizinhas»<sup>56</sup>

Desta forma a Madeira precisa de importar anualmente de 1/3 a 1/2 do cereal que se consumia na ilha, isto é três quatro mil moios. Se tivermos em consideração que os Açores dispunham apenas de um valor idêntico a esse para exportação, no qual se incluía o provimento obrigatório das praças africanas, e de que a exportação para a Madeira não ultrapassava os nossos vizinhos de vinho, sumagre, fruta verde e seca e artefactos. Todavia o cereal surge aí como o principal móbil desse movimento comercial<sup>58</sup>. Esta rota de abastecimento, definida em princípios do século XVI, dominou as referidas conexões até meados do século seguinte. A sua afirmação dependerá não só de entrave açoriano a esse necessário fornecimento, mas também pela facilidade dos contactos com este arquipélago, mercê da sua proximidade e presença de inúmeros madeirenses nessas ilhas.

Não obstante alguns testemunhos apontarem para um relacionamento canário-madeirense a partir da década de quarenta do século XV, este só será uma realidade, ao nível comercial, no século XVI. Assim a primeira referência ao envio de cereal é datada de 1504 sendo este proveniente de La Palma a que se segue em 1506 de Tenerife e em 1523 de Lanzarote.

Também aqui a documentação nos atraiçooou pois a falta dos registos de entrada e saída nos três arquipélagos impede-nos de quantificar e avançar no conhecimento dessa realidade. Por felicidade, a exigência estabelecida no século XVI pela vereação funchalense de que todo o cereal vendido na cidade deveria ser aberto, permitiu-nos estabelecer uma séria de dados próximos dessa ambiência que nos permitem ter uma ideia do movimento de cereal no porto do Funchal no período de 1510 a 1642. Durante esse período entraram no Funchal 16.598 moios de cereal, sendo 25% oriundo das Canárias.

A informação disponível na documentação de Canárias aponta para a saída dessas ilhas de apenas 2.070 fanegas, valor que está aquém da realidade, uma vez que as estimativas feitas a partir do movimento das embarcações poderá levar-nos a um valor cinco vezes superior. Note-se que na documentação madeirense surgem

documentadas 8.788 fanegas de cereal canário em que 29% é proveniente de Lanzarote e 13% de Tenerife.

Para o período de 1504 a 1530 Manuel Lobo Cabrera e M. Martin Socas<sup>59</sup> dão conta da saída de 2.070 fanegas de cereal para o Funchal, estimado num total de nove mil fanegas de acordo com o movimento de embarcações. Para o período de 1504 a 1640 temos referência de 2.872 fanegas e de mais de quinze embarcações reservadas sava os mil e duzentos moios, teremos que admitir a necessidade de recurso a novos mercados, como o canário e europeu, para se poder assegurar o número necessário de moios de cereal<sup>57</sup>.

O cereal surge assim como o principal factor desse intenso tráfico comercial entre a Madeira e as Canárias nos séculos XVI e XVII. Todavia a esse produto se juntaram outros como contrapartida ou subsidiários desse movimento; mas a falta dos registos de entrada e saída em ambos os arquipélagos não nos permite abalizar quer da dimensão desse movimento quer da importância desses produtos transacionados. Para o período de 1506 a 1698 conhecemos apenas trinta e dois fretamentos de embarcações, concretizados nas Canárias com destino à Madeira, e de cinquenta com referência de saída do Funchal ou Santa Cruz com destino a essas ilhas. No primeiro caso destaca-se, no século XVI, o porto de Santa Cruz de Tenerife (90%) e no seguinte o de Arrecife de Lanzarote (82%). Estas embarcações conduziram à Madeira o cereal (trigo, cevada, centeio) a que se juntava, por vezes, urzela, sal, couros, toucinho, carne, queijo, pez, animais vivos (carneiros e cabras), açúcar.

A partir da Madeira saíram apenas nove embarcações no século XVI e quarenta e uma no seguinte, sendo destas últimas seis com destino a Puerto de la Cruz, dezassete a Lanzarote e dezasseis a Gran Canaria. O quadro das embarcações saídas da Madeira elucida-nos ainda que esse hiato estabelecido em 1640 pela conjuntura política peninsular foi passageiro pois em 1668 resta-se esse movimento com uma certa pujança que será manifesta nas duas últimas décadas onde surgem 41% das embarcações em causa. As mercadorias continuam a ser as mesmas tal como sucede com os portos de destino —Gran Canaria, Tenerife, Lanzarote—. Deste modo poderá dizer-se que este corte foi sol de pouca dura incapaz de pôr em causa as conexões canario-madeirenses. Os produtos transacionados eram, em especial, vinho, sumagre, escravos e pano (estopa, buriel e liteiro) a que se juntavam, por vezes, fruta verde, alhos, esparto, doces, açúcar, aguardente, tabaco, louça, madeiras para

pipa e peixe seco. Aí destaca-se o vinho, açúcar, sumagre, de que se refere frequentemente a saída para Lanzarote e Gran Canaria.

Em síntese a Madeira recebia o cereal e a carne das Canárias e em troca abaste ao envio de cereal que poderá rondar as 10.672 fanegas. Enquanto no primeiro quarto do século XVI esse comércio é dominado pela ilha de Tenerife, nos momentos seguintes a supremacia será atribuída a Lanzarote que surge apenas em 1526, mas que adquirirá uma posição hegemónica nas últimas décadas da centúria, situação que se manterá até 1640. Aliás no tráfico marítimo entre os dois arquipélagos Lanzarote detém a supremacia pois mais de metade saíram dessa ilha.

O surto destas actividades comerciais nos séculos XVI e XVII, nomeadamente no período de 1580 a 1640, deverá ser entendido como o resultado do total empenhamento do madeirense nessa rota; ele era o principal interessado nesse produto e por isso foi o principal obreiro desse tráfico, assegurando os meios e agentes necessários à sua concretização. Esta era uma tarefa da sua exclusiva responsabilidade e que raramente delegava noutros portugueses do reino ou castelhanos. Para que isso se tornasse realidade foi necessário criar vínculos aos principais portos canários ou representações compatíveis com a dimensão das operações comerciais em causa. Daí o seu aparecimento, nomeadamente em Lanzarote, como vizinho detentor de bens patrimoniais e relacionado matrimonialmente com alguns locais. A família e a dinâmica de solidariedade gerada pela comum origem madeirense assegura a necessária confiança dos interlocutores desse negócio. A par disso a posição preferencial do português, e porque não madeirense, nesse processo deveria garantir-lhe um elevado pecúlio.

5. O impacto lusíada na sociedade canária, demarcado pelos séculos XV a XVII, implicou múltiplas influências no quotidiano destas ilhas, nos seus mais variados aspectos. Deste modo o equacionar dessa influência não deverá resumir-se apenas ao rastreio documental dessa realidade, tornando-se necessária uma atenção e pesquisa alargadas a outros campos das ciências humanas. A etnografia, a linguística são potenciais campos de interesse nesse domínio. Nesse contexto destacam-se os trabalhos de Pérez Vidal que teve o mérito de ser o primeiro a ficar desperto para esta problemática e de avançar com um projecto de pesquisa de elevado nível, que deu muitos bons resultados<sup>60</sup>.

As aportações linguísticas portuguesa à sociedade canária foram domínio que o autor mais revelou o seu empenho e do qual resultaram inúmeros trabalhos reveladores da dimensão que assumia a presença lusíada na sociedade canária. Esse contributo situa-se ao nível da nomenclatura do sector dos ofícios, dos instrumentos e produtos agrícolas, da designação das espécies piscícolas. Neste último caso essa nomenclatura é de influência marcadamente madeirense<sup>61</sup>.

Tendo em consideração o forte impacto madeirense em algumas ilhas deste arquipélago parece-nos necessário adequar a metodologia de pesquisa a essa realidade, procurando ver nesse contexto quais os aspectos específicos desta região que para aí foram levados juntamente com os gerais de Portugal. Assim a análise comparada desses portuguesismos com a nomenclatura típica do falar madeirense poderá ser reveladora dessa recôndita realidade<sup>62</sup>.

Por outro lado o facto de os portugueses surgirem aí como artesãos, construtores, agricultores, terá contribuído para que essa influência lusíada abarcasse os vários campos do quotidiano, surgindo aí instrumentos e técnicas de laboração e construção portugueses<sup>63</sup>. No caso particular da safra do açúcar e da vinha, em que a Madeira se destaca pelo pioneirismo do seu aproveitamento no espaço atlântico, essa influência madeirense deverá ser relevante. Nesse contexto se destaca o complexo açucareiro, dominado pelos canaviais, casas de habitação, engenho e acequias, que deverá ser uma aportação madeirense. Aqui no caso do aproveitamento das águas para o regadio e força motriz nos engenhos o madeirense levou consigo as levadas<sup>64</sup> e adaptou-as às condições do novo ecossistema que por certo não era muito diferente de seu local de origem<sup>65</sup>.

Também na viticultura encontramos marcas que nos poderão abonar a favor de uma influência madeirense; as latadas de La Palma<sup>66</sup>, a comum designação de algumas castas —negra mole, boal, verdelho— e idêntica tecnologia do lagar<sup>67</sup>. Note-se aliás que, para além da exportação assídua de vinho para essas ilhas, a Madeira também lhes fornecia arcos e madeira para pipas.

Também a presença de canários na Madeira, ainda que diminuta, deixou algumas marcas *indelévels*, destes destacam-se os aborígenes para aqui conduzidos na segunda metade do século XV que nos legaram alguns aspectos do seu quotidiano<sup>68</sup>. Este é um campo ainda virgem que espera por quem de direito para o revelar, todavia

podemos enunciar já alguns elementos que corroboram essa realidade. Em primeiro lugar destacamos alguns guanchismos, como tabaiba e Garachico, e a influência na dieta alimentar como a generalização do gofio, nomeadamente no Porto Santo<sup>69</sup>. A par disso podemos revelar que em nosso entender o uso de odres —borracho na Madeira— para o transportar de vinho de Madeira derivou dessa influência berbera. Não obstante o seu uso em Lisboa no século para o transporte de mel e azeite<sup>70</sup>, parece-nos que a sua generalização na Madeira foi resultado da presença dos aborígenes canários na centúria quatrocentista. Note-se aliás que o povoamento cinegético das Desertas<sup>71</sup> foi feito com cabras daí oriundas e que os referidos aborígenes foram exímios no pastoreio deste animal. A par disso encontramos em ambas as ilhas, no século XVI, o uso generalizado deste tipo de vasilhame para o transporte de vinho, sendo conhecido na Madeira como odre e nas Canárias como bota<sup>72</sup>.

Deste modo o estudo das conexões canário-madeirenses não se deverá resumir apenas ao rastreio dessa presença e intervenção na documentação histórica posi deverá atender-se a outros domínios da pesquisa que abonem em favor dessa realidade, em que a etnografia e a linguística terão necessariamente algo a dizer. Por outro lado a concretização deste projecto só será possível por meio de um plano integrado de pesquisa a participação de investigadores de vários quadrantes. Só desta forma será possível das sociedades insulares e a historiografia insulana ficará mais enriquecida.

## NOTAS

1. Nesse contexto se deverá enquadrar a criação dos arquivos distritais na Madeira e Açores (1931) e provinciais nas Canárias (1935). Quanto às instituições destacam-se *El Museo Canario* (1879), o *Instituto Histórico da Ilha Terceira* (1944), o *Instituto Cultural de Ponta Delgada* (1944); apenas na Madeira se manteve até à actualidade sem esse necessário suporte institucional, mas a criação em 1986 do *Centro de Estudos de História do Atlântico* permitiu colmatar essa lacuna e equacionar de forma diversa e inovadora a realidade historiográfica insular em que a ilha se enquadra.

Para as revistas da especialidade merecem especial destaque: *El Museo Canario* (1880), o *Heraldo da Madeira* (1904-1915), *Revista de Historia* (1923), *Arquivo Histórico da Madeira* (1931-1977), *Insulana* (1944), *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira* (1944), *Das Artes e da História da Madeira* (1948-1971), *Boletim da Comissão Reguladora do Comércio de Cereais dos Açores* (1945-1960), *Anuario de Estudios Atlánticos* (1955) e *Arquipélago-Ciências Humanas* (1977).

Ao nível dos colóquios a primeira realização surgiu em 1977 sob a égide da *Casa de Colón* com o *Colóquio de Historia Canario-Americana*, que vai já na oitava realização, depois surgiram em 1983 o *Colóquio Internacional de História dos Açores* de que se celebrou já a segunda realização no ano passado, em 1984 as *Jornadas de História de Lanzarote e Fuerteventura* que atingiram já a sua terceira realização em 1987 e, finalmente em 1986 o *Colóquio Internacional de História da Madeira* que terá em Setembro do próximo ano a sua segunda concretização.

2. *Os Portugueses em Canárias*, La Laguna, 1941.

3. «Aportación portuguesa a la población de Canarias. Datos», in *Anuario de Estudios Atlánticos*, n.º 14, 1968; «Esbozo de un estudio de la influencia portuguesa en la cultura canaria», in *Homenaje a Elías Serra Rafols, I*, 1970; *Estudios de etnografía y folklore canarios*, Santa Cruz de Tenerife, 1985.

4. *As relações dos Açores com a América Espanhola e as Canárias nos séculos XVI e XVII*, VC. H. C. A., 1982.

5. Manuel Lobo Cabrera, «Gran Canaria y los contactos con las islas portuguesas atlánticas: Azores, Madera, Cabo Verde y Santo Tomé»; in *Congreso Internacional de Historia Marítima*, Las Palmas, 1982; idem e Elisa Torres Santana, «Aproximación a las relaciones entre Canarias y Azores en los siglos XVI y XVII» in



*Os Açores e o Atlântico (Séculos XIV e XVII)*, Angra do Heroísmo, 1984; Manuel Lobo Cabrera e Margarita Martín Socas, «Emigración y Comercio entre Madeira y Canarias en el siglo XVI, in *ibidem*.

6. Luís Alberto Anaya Hernandez e Francisco Fajardo Spinola, «Relaciones de los Archipiélagos de Azores y de la Madera con Canarias, segun fuentes inquisitoriales (Siglos XVI y XVII)», *Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, 1986; Elisa Torres Santana, «Las relaciones entre Madeira y las Canarias Orientales en el primer cuarto del siglo XVII —una aproximación a su realidad histórica—, *ibidem*; Manuel Hernández González, «Cabral de Noroña: la trayectoria ilustrada de un madeirense singular», *ibidem*.

7. «O Comércio de Cereais dos Açores para a Madeira no século XVII», in *Os Açores e o Atlântico (Séculos XIV e XVII)*, Angra do Heroísmo, 1986; «O Comércio de Cereais das Canárias para a Madeira nos séculos XVI-XVII», in *VI Colóquio de Historia Canario-Americana*, Las Palmas, 1984; «O infante D. Henrique e o Senhorio de Lanzarote», *II Jornadas de Historia de Lanzarote y Fuerteventura*, Arrecife, 1985; «O Comércio disfarçado nas ilhas do Atlântico Oriental: processo de Bartolomé Cuello na inquisição de Las Palmas (1591-1598)», *Congresso sobre a Inquisição Portuguesa*, S. Paulo, 1986; *O Comércio Inter-Insular nos Séculos XV e XVI (Madeira, Açores e Canárias)*, Funchal, 1987.

8. «Introdução ao Estudo do Direito Local Insular: as posturas da Madeira, Açores e Canárias», *VII Colóquio de Historia Canario-Americana*, Las Palmas, 1986.

9. *O Comércio Inter-Insular nos Séculos XV e XVI (Madeira, Açores e Canárias)*; «O Senhorio no Atlântico Insular Oriental. Análise comparada da dinâmica institucional da Madeira e Canárias nos séculos XV e XVI», *III Jornadas de Historia de Fuerteventura y Lanzarote*, Puerto del Rosario, 1987; *História Comparadas das Ilhas Atlânticas*, conferência proferida no Funchal a 10 de Novembro de 1987.

10. Veja-se nosso estudo «Comércio de cereais das Canárias para a Madeira nos Séculos XVI e XVII» já citado.

11. Fernando Jasmins Pereira e José Pereira da Costa, *Livros de Contas da Madeira 1504-1537. I. Almojarifados e Alfândegas*, Coimbra, 1985.

12. «Aportacion portuguesa a la poblacion de Canarias...», ja citado.

13. Alberto Vieira «O infante D. Henrique e o Senhorio de Lanzarote...», já citado.

14. Sergio Bonnet, «La expedicion del Marques de Lanzarote a la isla de la Madera», in *El Museo Canario*, X, 1914, 56-68; J. de Abreu Galindo, *Historia de la conquista de las siete islas Canarias*, Santa Cruz de Tenerife, 1977, 245; A. A. Sarmiento, «Madeira e Canárias», in *Fasquias e Ripas da Madeira*, Funchal, 1951, 1-48; Lothar Siemens Hernandez, «La expedicion a la Madera del Conde de Lanzarote desde la perspectiva de las fuentes madeirenses», in *A. E. A.*, n.º 25 (1979), 289-305; A. Rumeu de Armas. «El Conde de Lanzarote, Capitán General de la Madera», in *A. E. A.*, n.º 30, 1984.

15. Luis de Sousa Melo, «Imigração na Madeira. Paróquia de Sé (1539-1600)», in *História e Sociedade*, n.º 6, Lisboa, 1979.

16. Lothar Siemens Hernandez e Liliana Barreto, «Los esclavos aborígenes canarios en la isla de la Madera (1455-1505)», in *A. E. A.*, n.º 20, 1974, 111-143.

17. A primeira referência ao comércio de cereais com a Madeira aponta para o envio em 1504 de cereal de La Palma e em 1506 de Tenerife, veja-se: «Reformacion del repartimiento de Tenerife en 1506», in *Colección de documentos sobre el Adelantado y su Gobierno*, Santa Cruz de Tenerife, 1953, 90-91; Manuela Marrero Rodríguez, «Consideraciones sobre Tenerife...», in *A.E.A.*, n.º 23, 1977, 380.

18. Veja-se Alberto Vieira, *O Comércio Inter-Insular nos Séculos XV e XVI*, Funchal, 1987; Frédéric Mauro, «Sur la complémentarité des Sociétés Insulaires dans l'Atlantique», *Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1986.

19. Alberto Artur Sarmento, «Madeira & Canárias», in *Fasquias e Ripas da Madeira*, Funchal, 1931, 13-14.

20. *M. H.*, vol. XI, 172-179.

21. Veja-se Lothar Siemens Hernandez e Liliana Barreto, «Los esclavos aborígenes canarios en la isla de la Madera (1455-1505)», in *Anuario de Estudios Atlánticos*, n.º 20, 1974, pp. 111-143 e o nosso estudo «O Comércio de cereais das Canárias para a Madeira nos séculos XVI e XVII», in *Coloquio de Historia Canario-Americana*, Las Palmas, 1984.

22. Fr. J. Abreu de Galindo, *Historia de la conquista de las siete islas de Canarias*, Santa Cruz de Tenerife, 1977, p. 134; Alberto Artur Sarmento, *ibidem*, p. 20.

23. Alberto Artur Sarmento, *ibidem*, p. 20.

24. Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, L.º I, Ponta Delgada, 1966, 69; *Ibidem*, L.º IV, vol. II, Ponta Delgada, 1981, p. 263; Jerónimo Dias Leite, *Descobrimiento da ilha da Madeira...*, Coimbra, 1947, p. 32; *M. H.*, vol. IX, n.º 174, pp. 273-275.

25. Gaspar Frutuoso, *op. cit.*, L.º IV, vol. I, Ponta Delgada, 1977, pp. 103-113; Fernando Augusto da Silva, «Bettencourt», in *Elucidário Madeirense*, vol. I, Funchal, 1984, 138-139; Henrique Henriques de Noronha, *Nobiliário genalógico das famílias que passaram a viver esta ilha da Madeira...*, Vol. I, S. Paulo, 1947, 51-74; *Nobiliário de Canarias*, t. I, La Laguna, 1952, pp. 595-600; Leopoldo de la Rosa Oliveira, «Los Bettencourt en las Canarias y en America», in *A. E. A.*, n.º 2, 1956, pp. 130-135.

26. Veja-se Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, L.º IV, vol. II, Ponta Delgada, 1981, 261-172.

27. *Ibidem*, L.º II, Ponta Delgada, 1968, pp. 227, 274; Jerónimo Dias Leite, *op. cit.*, pp. 39-41 e 72; João Pedro de Freitas Drumond, *Documentos históricos e geográficos sobre a ilha da Madeira*, ms. da Biblioteca Municipal do Funchal, fols. 9-10 v.º; Ernesto Gonçalves, «Os homens-bons do concelho do Funchal em 1471», in *Das artes e da História da Madeira*, vol. V, n.º 4, pp. 8 e 74.

28. Fernando Augusto da Silva, *Elucidário Madeirense*, vol. I, pp. 136-139.

29. Veja-se Sergio Bonnet, «La expedicion del Marques de Lanzarote a la isla de la Madera», in *El Museo Canario*, X, 1949, 59-68; Lothar Siemens Hernandez, «La expedicion a la Madera del Conde de Lanzarote desde la perspectiva de las fuentes madeirenses», in *Anuario de Estudios Atlánticos*, n.º 25, 1979, João de Sousa, «Os espanhóis na Madeira 1582-1583», in *Diário de Noticias*, Funchal, 1 de Dezembro de 1984, p. 11.

30. Alberto Artur Sarmento, *Ensaio histórico da minha terra*, vol. I, Funchal, 1946, p. 27; *Nobiliário de Canarias*, t. I, pp. 50-63.

31. *Ibidem*, p. 187; Arquivo Regional da Madeira, *Paróquias da Sé*, 1571-1640; Idem, *Misericórdia do Funchal*, n.º 684, pp. 710-711.
32. Luís Francisco de Sousa Melo, «A imigração na Madeira, Paróquia de Sé 1539-1600», in *História e Sociedade*, n.º 3, 1979, pp. 52-53.
33. Alberto Artur Sarmento, *ibidem*, vol. II, pp. 5-6.
34. *Conquista de la isla de Gran Canaria*, La Laguna, 1933, 40; Maria Luisa Fabrellas, «La producción de azúcar en Tenerife», in *Revista de Historia*, n.º 100, La Laguna, 1952, 267-471; Guillermo Camacho y Pérez Galdós, «El cultivo de la Caña de Azúcar y la industria azucarera en Gran Canaria (1510-1535)», in *A. E. A.*, n.º 7, 1961, 35-38.
35. José Pérez Vidal, *Estudios de Etnografía y Folklore canarios*, Santa Cruz de Tenerife, 1985.
36. Antonio Rumeu de Armas, *La conquista de Tenerife (1494-1496)*, Santa Cruz de Tenerife, 1975.
37. Nas datas recompiladas por Elias Serra Rafols (*Ver Datas de Tenerife*, Santa Cruz de Tenerife, 1974), encontramos quarenta e quatro com indicação de portugueses.
38. L. de la Rosa, «El repoblamiento de los reinos de Icod e Daute», in *Estudios Canarios XIV-XV*, 1968-1970, 37.
39. J. Pérez Vidal, *Aportación portuguesa de la población de Canarias*, 23-24.
40. *Ibidem*, 64-65.
41. Juan Regulo Perez, «Notas acerca del habla de la isla de La Palma», in *Revista de Historia*, XXXII, 1968-1969, 16-25, 98-110.
42. *Noticias de la Historia general de las islas Canarias*, t. I, Santa Cruz de Tenerife, 1967, 737, 740-41.
43. Confronte-se Ernesto Gonçalves, «Portugal e a ilha», in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. II, n.º 11, Funchal, 1952, p. 26.
44. A. H. P. L. P., *Diego de San Clemente*, n.º 733, fl. 274, protocolo de 23 de Setembro de 1517; M. I. Coelho Gomez, *Protocolos de Alonso Gutiérrez*, p. 686, protocolo de 8 de Dezembro de 1524; M. Lobo, *Protocolos de Alonso Gutiérrez, Santa Cruz de Tenerife, 1974*, 18 (1520-1521).
45. F. Clavijo Hernandez, *Protocolos del escribano Hernán Guerra*, Santa Cruz de Tenerife, 1980, 36-37; Manuel Lobo, *op. cit.*, 17; Pierre Chauu, *Seville et l'Atlantique*, t. VIII, vol. I, 383-384.
46. A. Cioranescu, *Historia de Santa Cruz de Tenerife*, I, p. 421; Manuel Lobo Cabrera, «El Mundo del mar en la Gran Canaria», in *A. E. A.*, n.º 26, 342.
47. Charles Verlindén, «Le Role des Portugais dans l'économie canarienne du debut du xvième siècle», in *Homenaje a Elias Serra Rafols*, III, La Laguna, 1970, 423; M. A. Ladero Quesada, «La economía de Canarias», in *Historia de las islas Canarias*, III, 128.
48. J. M. Hernandez-Rubio Cisneros, *Fuerteventura en la naturaleza y la Historia de Canarias*, t. I, Fuerteventura, p. 819.
49. Manuel Lobo Cabrera, «Canarias, Madeira y el Zumaque», *Islenha*, n.º 1, 1987, 13-18.
50. A. H. P. L. P., n.º 2.748, fls. 421-422.
51. *Ibidem*, n.º 2.725, fols. 77-v.º.
52. Segundo A. A. Sarmento «Madeira & Canarias», in *Fasquias e Ripas da*

Madeira, Funchal, 1951, 48; J. Perez Vidal, *Aportacion portuguesa a la poblacion de Canarias*, 57-58.

53. A. H. P. L. P., n.º 2.729, fls. 7v.º-8; n.º 2.761, fls. 93-94.

54. A. Vieira, «O Comércio de cereais das Canárias para a Madeira nos séculos XV-XVII», in *VI Coloquio de Historia Canario-Americana*, Las Palmas, 1984; «Comércio de cereais dos Açores para a Madeira no século XVII», in *Os Açores e o Atlântico (Séculos XIV-XVII)*, Angra do Heroísmo, 1978, 674, 663-665.

55. O estudo da questão cerealífera insular tem-nos preocupado nos últimos anos, de que resultaam alguns trabalhos: «O Comércio de cereais dos Açores para a Madeira no século XVII», Já citado; «A questão cerealífera nos Açores nos séculos XV-XVII», in *Arquipélago-Ciências Humanas*, vol. VII, n.º 1.195; «O Comércio de Cereais das Canárias para a Madeira nos séculos XVI-XVII», in *VI Coloquio de Historia Canario-Americana*, Las Palmas, 1984.

56. «Descrição da ilha da Madeira», in *A Madeira vista por Estrangeiros*, Funchal, 1981, 84.

57. «O Comércio de Cereais dos Açores para a Madeira no século XVII», 161-662.

58. Alguns autores coevos atestam esta realidade: Giulio Landi (1530), Pompeo Arditì (1567) e L. Torriani (1590); Veja-se *A Madeira vista por Estrangeiros*, Funchal, 1981, 84, 226; L. Torriani *Descripcion e Historia del Reino de las islas Canarias...*, Santa Cruz de Tenerife, 1978.

59. *Art. cit.*, 695-696.

60. «Portuguesismos en el español de Canarias» in *El Museo Canario*, IX, 1944, 30-42; idem, «Dos canarismos de origem portuguesa: cambullón y ratiño», *Ibidem*, XXXI-XXXII, 1970-71, 67-82; idem, «Arcaísmos y portuguesismos en el español de Canarias», in *Revista de Historia*, XXIX, 1963-64, 28-37; idem, *Estudios de Etnografía y Folklore canarios*, Santa Cruz de Tenerife, 1985; veja-se ainda de Juan Régulo Pérez, «Apuntes para una dialectología regional gual y verdelho dos portuguesismos vitícolas en el español de Canarias», in *Revista de Historia*, XI, 1945, 417-425; idem, «Notas acerca del habla de la isla de la Palma», *Ibidem*, XXXII, 1968-1969, 12-174; José Pérez Vidal, «Canarias, el azúcar, los dulces y las conservas», in *II Jornadas de Estudios Canarias-America*, Santa Cruz de Tenerife, 1981, 180.

61. J. Pérez Vidal, *Estudios de Etnografía y Folklore canarios*, 212-213.

62. Fernando Augusto da Silva, *Vocabulário Madeirenses*, Funchal, 1950; Abel Marques Caldeira, *Falares da ilha. Pequeno dicionário da linguagem popular madeirense*, Funchal, 1961; Emanuel P. V. Ribeiro, *Palavras do arquipélago da Madeira*, Porto, 1930; Eduardo Antonino Pestana, «A linguagem popular da Madeira, 1.ª parte-O Dialecto», in *A Língua Portuguesa*, vol. V, 1936-40 (republicado em *A ilha da Madeira. II Estudos Madeirenses*, Funchal, 1970, 11-128); Tate Brudt, «Madeira: estudo linguístico-etnográfico», in *Boletim de Filologia*, V, 1937-38, 59-91, 128-349; Jaime Vieira dos Santos, «Vocabulário do dialecto madeirense», in *Revista de Portugal*, VIII/XI; Urbano Canuto Soares, «Tradições Populares e vocábulos do arquipélago da Madeira», in *Revista Lusitânia*, XVII, 135-158; Luis de Sousa, *Dizeres da ilha da Madeira. Palavras e locuções*, Funchal, 1950.

63. J. Perez Vidal, *Estudios de Etnografía y Folklore canarios*, 44-102; Fernando Gabriel Martin Rodrigues, *Arquitectura domestica canaria*, Santa Cruz de

Tenerife, 1978, 24-48; confronte-se ainda Pedro Tarquis Rodriguez, «Diccionario de arquitectos, alarifes y canteros que han trabajado en las islas Canarias», Sep. A. E. A.

64. Filipe Fernandes-Armesto, *The Canary islands after the conquest*, Oxford, 1982; para levadas madeirenses veja-se Fernando A. da Silva, «Levadas», in *Elucidário Madeirense*, vol. II, 1984, 235-269.

65. Leoncio Afonso Perez, *Miscelanea de temas Canarios*, Santa Cruz de Tenerife, 1984, 223-268.

66. Leoncio Afonso Perez, *op. cit.*, 229-230.

67. Todavia J. Rodriguez Rodriguez (*La vid y los vinos de Canarias*, Santa Cruz de Tenerife, 1976) apresenta-os como de origem andaluza.

68. Lothar Siemens Hernandez, *art. cit.*

69. Eduardo Pereira, *Ilhas de Zargo*, vol. II, Funchal, 1968, 579-580.

70. *Livros das Posturas Antigas*, Lisboa, 1974, 59.

71. Lothar Siemens Hernandez «Descubrimiento de una reserva de cabras canarias prehispanicas», in *Aguayro*, n.º 87, 1977, 7-9; Lothar Siemens Hernandez e Liliana Barreto, «Los esclavos aborigenes canarios...», in *A. E. A.*, n.º 20, p. 117-120.

72. Confronte-se os protocolos notariais de Canárias e os Testamentos Madeirenses; veja-se Alberto Galvan Tudela, *Taganana - um estudio antropologico social*, Santa Cruz de Tenerife, 1980, 161-171.

## BIBLIOGRAFÍA

- SARMENTO, Alberto Artur (1931): «Madeira & Canárias», in *Fasquias e Ripas da Madeira*, Funchal, 1931, 3-48.
- SERRA RAFOLS, Elías (1941): *Los Portugueses en Canarias*, La Laguna, 1941.
- PÉREZ VIDAL, José (1944): «Portuguesismos en el español de Canarias», in *El Museo Canario*, IX, Las Palmas, 1944, 30-42.
- RÉGULO PÉREZ, Juan (1945): «Apuntes para una dialectología regional-geral y verdelho dos portuguesismos vitícolas en el español de Canarias», in *Revista de Historia*, XI, La Laguna, 1945, 417-425.
- LIMA, J. A. Pires de (1948): «A Alma de Portugal na sua passagem para o Brasil», in *Revista de Dialectología y tradiciones populares*, Madrid, IV, 1948, 365-386.
- BONNET, Sergio F. (1951): «Familias portuguesas de La Laguna», in *Revista de História*, n.º 93-94, La Laguna, 1951, 111-118.
- PÉREZ VIDAL, José (1956): «Las conservas almibaradas de las Azores y las Canarias», in *Boletim do Instituto Histórico de Ilha Terceira*, Angra do Heroísmo, n.º 14, 1956.
- GIESE, Wilhelm (1963): «A respeito de ródulas portuguesas e notas comparativas», in *Revista de Etnografía*, Porto, n.º 1, 1963, 167-179.
- PÉREZ VIDAL, José: «Influencias Portuguesas en la cultura tradicional canaria», in *Actas do 1.º Congresso de Etnografía e Folklore*, Lisboa, 1963.
- PÉREZ VIDAL, José (1964): «Arcaísmos y portuguesismos en el español de Canarias», in *Revista de Historia*, XXIX, La Laguna, 1963-1964, 28-37.
- PÉREZ VIDAL, José (1965): «Influencias portuguesas en la cultura tradicional marinera de Canarias», in *Actas do Congresso Internacional de Etnografía*, Santo Tirso, vol. V, 1965.

- PÉREZ VIDAL, José (1968): «Aportación portuguesa a la población de Canarias», in *Anuario de Estudios Atlánticos*, n.º 14, 1968.
- LOZOYA, Marqués de (1970): «La huella de los portugueses en Canarias», in *Coloquio*, n.º 57, Lisboa, 1970, 3-10.
- PÉREZ VIDAL, J.: «Esbozo de un estudio de la influencia portuguesa en la cultura tradicional canaria», in *Homenaje a Elias Serra Rafols*, t. I, La Laguna, 1970, 371-390.
- SIEMENS HERNÁNDEZ, Lothar e BARRETO, Liliana (1974): «Los esclavos aborígenes canarios en la isla de Madera», in *Anuario de Estudios Atlánticos*, n.º 20, 1974, 111-143.
- RÉGULO PÉREZ, Juan (1977): «El Canario, ave macaronésica. Noticias bio-históricas», in *II Coloquio de Historia Canario-Americana*, Las Palmas, 1977.
- SIEMENS HERNÁNDEZ, Lothar: «Descubrimiento de una reserva de cabras canarias prehispánicas», in *Aguayro*, n.º 87, Las Palmas, 1977, 7-9.
- «La expedición de la Madera del Conde de Lanzarote desde la perspectiva de las fuentes madeirenses», in *Anuario de Estudios Atlánticos*, n.º 25, Las Palmas, 1979.
- MATOS, Artur Teodoro de (1982): «As relações dos Açores com a América e as Canárias nos Séculos XVI e XVII», in *V Colóquio de Historia Canario-Americana*, Las Palmas.
- LOBO CABRERA, Manuel e MARTÍN SOCAS, M. I. (1983): «Emigración y comercio entre Madeira y Canarias en el siglo XVI», in *Os Açores e o Atlântico - Séculos XIV e XVII*, Angra do Heroísmo, 1983 (Separata do Instituto Histórico da Ilha Terceira, vol. XLI).
- e TORRES SANTANA, Elisa: «Aproximación a las relaciones entre Canarias Azores en los siglos XVI y XVII», in *Ibidem*.
- VIEIRA, Alberto: «O Comércio de Cereais dos Açores para a Madeira no século XVII», in *Ibidem*.
- RUMEU DE ARMAS, Antonio (1984): «El Conde de Lanzarote capitán general de La Madera», in *Anuario de Estudios Atlánticos*, n.º 30, 1984.
- VIEIRA, Alberto: «O Comércio de Cereais das Canárias para a Madeira nos séculos XVI e XVII», in *VI Coloquio de Historia Canario-Americana*, Las Palmas.
- PÉREZ VIDAL, José (1985): *Estudios de Etnografía y Folklore*, Santa Cruz de Tenerife, 1985.
- VIEIRA, Alberto: «O Infante D. Henrique e o Senhorio de Lanzarote: implicações políticas, sociais e económicas», in *II Jornadas de Historia de Lanzarote y Fuerteventura*, Arrecife de Lanzarote.
- VIEIRA, Alberto (1986): «Introdução ao estudo do Direito Local Insular: as posturas da Madeira, Açores e Canárias nos séculos XVI e XVII», in *VII Coloquio de Historia Canario-Americana*, Las Palmas.

- «O Comércio disfarçado nas ilhas do Atlântico Oriental: o processo de Bartolomé Cuello na Inquisição de Las Palmas (1591-1598), in *Congresso sobre a Inquisição Portuguesa*, S. Paulo.
- ANAYA HERNÁNDEZ, Luis Alberto e FAJARDO ESPÍNOLA: «Relaciones de los archipiélagos de Azores y de la Madera con Canarias, según fuentes inquisitoriales (Siglos XVI y XVII)», in *Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal.
- GODINHO, Vitorino Magalhães: «As Historiografias Insulares: presente e futuro», in *Ibidem*.
- MACHADO PIRES, A. B.: «As Cultura Insulares Atlânticas», in *Ibidem*.
- LOBO CABRERA, Manuel: «La esclavitud en las islas atlánticas: Madeira y Canarias», in *Ibidem*.
- MAURO Frédéric: «Sur la complémentarité des sociétés insulaires dans l'Atlantique», in *Ibidem*.
- TORRES SANTANA, Elisa: «Las relaciones comerciales entre Madeira y Canarias orientales en el primer cuarto del siglo XVII: una aproximación a su realidad histórica», in *Ibidem*.
- VIEIRA, Alberto (1987): «O Comércio Inter-Insular nos Séculos XV-XVI (Madeira, Açores, Canárias), Funchal, 1987;
- «O Senhorio no Atlântico Insular Oriental: análise comparada da dinâmica institucional da Madeira e Canárias nos Séculos XV e XVI», in *II Jornadas de Historia de Fuerteventura y Lanzarote*, Puerto del Rosario;
- «A Madeira na rota dos descobrimentos e expansão atlântica», in *VI Reunião Internacional da Náutica e da Hidrografia*, Sagres.
- *Historia comparada das ilhas atlânticas*, conferência no Funchal a 10 de Novembro.



## ANEXO

### 1. MADEIRENSES NAS CANÁRIAS

NOME	DATA	ILHA	SITUAÇÃO	OBSERVAÇÃO
?	1591	GRAN CANARIA	Est.	Sapateiro
Adrián Ferrera	1600	TENERIFE		Trabalhador/Inquisi.
Afonso Alvarez	1599	TENERIFE		Toneleiro/Inquisição
Afonso Alvarez	1520	TENERIFE	Est.	
Agustín Betancor	1639	LANZAROTE	Est.	Mareante
Alvaro Días	1522	TENERIFE	Est.	
Alvaro González	1555	HIERRO		
Alvaro Rodríguez	1589	TENERIFE		Inquisição
Alvaro Sá	1520	TENERIFE	V.º	
Amador Lourenço	1619	LANZAROTE	Est.	
Ambrosio Viera	1599	TENERIFE		Sapateiro/Inquisição
Ana Fernández	1567-1577	GRAN CANARIA		Socador canas/Inqui.
Ana González	1618	LANZAROTE		Feitiçaria
Ana Pereira	1640	LANZAROTE		Feitiçaria
Ana Sosa Gudufies	1626	TENERIFE		Feitiçaria
Andrés Sardina	1638	LANZAROTE	Est.	
Andrés Sosa	1620-1625	LANZAROTE	Resid.	
Antón Martins	1621	LANZAROTE	Resid.	Sapateiro
Antonia Luis	1581-1582	LANZAROTE		Feitiçaria
Antonio Alvarez	1620-1625	LANZAROTE	Est.	
Antonio Barreto	1637	LANZAROTE	Est.	
Antonio Díaz	1620-1625	LANZAROTE	Est.	Mareante

Antonio Fernández Santos	1619-1632 LANZAROTE	Resid.	
Antonio Fernández	1528 GRAN CANARIA		
Antonio García	1626 LANZAROTE	Est.	
Antonio Gil	1567-1577 GRAN CANARIA		Refin. açúcar/Inqui.
Antonio Goes	1626 LANZAROTE	Resid.	
Antonio González	1631 GRAN CANARIA		Mercador/Inquisição
Antonio Gonçalves	1621 LANZAROTE	Resid.	Sapateiro
Antonio Gonçalves Sidrón	1620-1639 LANZAROTE	Resid.	
Antonio Martins	1622-1629 LANZAROTE	Est.	Prateiro
Antonio Mendes	1527 GRAN CANARIA	Est.	
Antonio Rodrigues	1589 GRAN CANARIA	Est.	
Antonio Silva	1620-1625 LANZAROTE	Resid.	
Antonio Vicente	1620-1625 LANZAROTE	Est.	
Antón	1520 TENERIFE	Est.	
Antón Martín	1620-1625 LANZAROTE	Est.	Sapateiro
Baltasar Garro	1591 GRAN CANARIA		Feitiçaria
Baltasar Perera	1619-1625 LANZAROTE	Est.	
Baltasar Rebelo	1620-1625 LANZAROTE	Resid.	
Baltasar Veloso	1631-1637 LANZAROTE	Resid.	
Barbola Machado ou Rodrig.	1589 TENERIFE		Mulata/Inquisição
Bartolomé Afonso	1600 TENERIFE		Trabalhador/Inquisi.
Bartolomé Hernández	1581-1582 LANZAROTE		Trabalhador/Feitiça
Bartolomé Perera	1589 TENERIFE		Mulato/Inquisição
Beatriz	1607 TENERIFE		Feitiçaria
Beatriz Lopes	1561 LANZAROTE		Feitiçaria
Beatriz Ribera	1639 LANZAROTE	Est.	
Belchior Domingos	1630 LANZAROTE	Est.	
Belchior Sosa Perera	1634 LANZAROTE	Resid.	
Benito Gómez	1620-1625 LANZAROTE	Resid.	

1. MADEIRENSES NAS CANÁRIAS (Cont.)

NOME	DATA	ILHA	SITUAÇÃO	OBSERVAÇÃO
Benito Rodríguez	1589	TENERIFE		Inquisição
Bento Dias Cea	1639	LANZAROTE	Resid.	
Bento Gómes	1619	LANZAROTE	Est.	
Bento Rodrigues	1626	LANZAROTE	Resid.	Toneleiro
Blas Castro	1599	TENERIFE		Porto Santo/Inquisi.
Blás Dias Araña	1628-1631	LANZAROTE	Est.	
Blás Freitas Corea	1629	LANZAROTE	Est.	
Blás Rodrigues	1552	TENERIFE	Est.	
Blás Rodríguez	1526	GRAN CANARIA	V.º	
Carcía Mendonza	1640	LANZAROTE		Feitiçaria
Catalina Mendoza	1640	LANZAROTE		Feitiçaria
Catalina Nuñez	1631	LANZAROTE		Feitiçaria
Catarina Ovalle	1613	LANZAROTE		Feitiçaria
Cristóval Rodrigues	1619	LANZAROTE	Resid.	
Damián Rodrigues	1638	LANZAROTE	Resid.	Sapateiro
Diego Truzillo	1526	GRAN CANARIA		Platero
Diogo Castro	1620	LANZAROTE	Est.	
Diogo González	1620-1625	LANZAROTE	Resid.	Mareante
Diogo Neto	1630	LANZAROTE	Est.	Mareante
Diogo Pires	1635	LANZAROTE	Resid.	
Diogo Rodrigues Moralles	1627	LANZAROTE	Resid.	Carpinteiro
Diogo Rodríguez	1620-1625	LANZAROTE	Resid.	Piloto
Domingo Diaz	1631	LANZAROTE		Sapateiro/Feitiçaria
Domingo Fernández	1617	LA PALMA		Funidor/Inquisição
Domingo Piris	1640	LANZAROTE		Feitiçaria

Domingos Caires	1639	LANZAROTE	V.º	
Domingos Gonçalves Nobreg	1622-1631	LANZAROTE	Resid.	Mareante
Domingos Jorge	1626	LANZAROTE	Est.	Mareante
Domingo Monteiro	1631	LANZAROTE	Resid.	
Domingo Pires	1629-1636	LANZAROTE	Resid.	Sapateiro
Domingo Piñero	1631-1640	LANZAROTE	Est.	
Domingo Rodrigues	1620-1638	LANZAROTE	Est.	
Fernam Moreno	1631	LANZAROTE	Est.	Mestre navio
Fernando Acioli Vasconcel	1619-1621	LANZAROTE	Est.	
Fernán Rodríguez	1589	TENERIFE		Sastre/Inquisição
Filipa Abreu	1561	TENERIFE		Feitiçaria
Francisca Rodriguez	1608	LANZAROTE		Feitiçaria
Francisco Aguilar Lugo	1625	LANZAROTE	Resid.	
Francisco Fernández	1511	TENERIFE	Est.	
Francisco Fernández	1610	TENERIFE		Sastre/Inquisição
Francisco Ferreira	1638	LANZAROTE	Est.	Sapateiro
Francisco Garcia	1636	LANZAROTE		
Francisco González	1617	LA PALMA		Sapateiro/Inquisição
Francisco Gonçalves	1638	LANZAROTE	Est.	Sedaleiro
Francisco Manuel	1638	LANZAROTE	Est.	
Francisco Martins	1619	LANZAROTE	Est.	Mareante
Francisco Medina	1557	GRAN CANARIA	Est.	
Francisco Mota	1619	LANZAROTE	Est.	
Francisco Pimentel	1630	LANZAROTE	Est.	
Francisco Resende	1620	LANZAROTE	Resid.	
Francisco Rodríguez	1599	TENERIFE		Inquisição
Francisco Valido	1627	LANZAROTE	Est.	Mestre navio
Francisco Vasaña	1639	LANZAROTE	Est.	Mestre navio
Fray Alexo Leme	1617	LA PALMA		Dominicano/Inquisi.

*1. MADEIRENSES NAS CANÁRIAS (Cont.)*

<b>NOME</b>	<b>DATA</b>	<b>ILHA</b>	<b>SITUAÇÃO</b>	<b>OBSERVAÇÃO</b>
Fray Juan	1528	GRAN CANARIA		Noviço
Gaspar Abelos Spignolla	1625-1630	LANZAROTE	Re/Es.	Alferes
Gaspar Fernández	1620-1625	LANZAROTE	Resid.	
Gaspar González	1620-1625	GRAN CANARIA	V.º	
Gaspar Oban	1630	LANZAROTE	Est.	Mestre caravela
Gema López	1589	TENERIFE		Inquisição
Geraldo Sosa	1628	LANZAROTE	Est.	
Gonzalíanes Meneras	1567-1577	GRAN CANARIA		Inquisição
Gonzalo Alonso	1620-1625	LANZAROTE	Resid.	
Gonzalo Ferrera	1620-1631	LANZAROTE		Sapateiro/Feitiçaria
Gonzalo González Zarco		TENERIFE		
Gonzalo González	1620-1625	FUERTEVENTURA	Resid.	
Gonzalo Hernández	1617	LA PALMA		Sastre, mulato/Inqu.
Gonzalo Riberos	1589	TENERIFE		Inquisição
Gonzalo Sosa	1620-1631	LANZAROTE	Est.	Feitiçaria
Gonzalo Paés	1511	TENERIFE	Est.	
Gonçalo Lopes	1630	LANZAROTE	Est.	Mestre Caravela
Guillén Acosta	1620-1625	LANZAROTE	Est.	
Hilaria Bella	1561	GARACHICO		Feitiçaria
Inés Alvarez	1620-1625	LANZAROTE	Est.	
Inés Hernández	1589	LANZAROTE		Feitiçaria

Isabel Hernández	15??	GRAN CANARIA		
Isabel Lugo	1610	TENERIFE		Inquisição
Isabel Rodríguez Castro	1599	TENERIFE		Inquisição
Isabel Sepúlveda	1613	LANZAROTE		Feitiçaria
Jacome Costa	1646	LANZAROTE	Resid.	Sapateiro
Gerónimo Suero	1639	LANZAROTE	Est.	
Joan Ferrera	1645	LANZAROTE		
Joana Rojas	1620	LANZAROTE	Est.	M. Francisco Acioli
João Fernandes	1619	LANZAROTE	Est.	
João Fernandes	1626	LANZAROTE	Resid.	Mareante
João Fernandes Pereira	1626	LANZAROTE	Est.	Sapateiro
João Gonçalves	1626	LANZAROTE	Est.	Prateiro
João Méndes Cuello	1632	LANZAROTE	Resid.	Piloto
João Soure	1600	GRAN CANARIA	Est.	
Juan Afonseca	1629	LANZAROTE	Est.	
Juan Delgado	1508	TENERIFE	Est.	
Juan Enríquez de Gúsman	1512-1523	TENERIFE	Est.	
Juan Fernandes	1511-1522	GRAN CANARIA		Caldereiro
Juan Fernandes Vieira	1629	LANZAROTE	Est.	
Juan Fenández	1620-1625	GRAN CANARIA	Est.	Mestre
Juan Francisco	1620-1625	LANZAROTE	Resid.	Mareante
Juan Gonçalves Sidron	1643	LANZAROTE	V.º	
Juan Gómez	1524	TENERIFE		Mestre
Juan Hierro	1620-1625	LANZAROTE	Est.	
Juan Ponte	1589	TENERIFE		Inquisição
Lorenzo Costa	1625	LANZAROTE	Est.	
Luis Dumpierres	1640	LANZAROTE	Est.	
Luis Castro	1599	TENERIFE		Lavr. P. Santo/Inqui.
Lúcia (Filja de Inês More)	1640	LANZAROTE		Feitiçaria

1. MADEIRENSES NAS CANÁRIAS (cont.)

NOME	DATA	ILHA	SITUAÇÃO	OBSERVAÇÃO
Manuel Pereira Quadros	1640	LANZAROTE		Feitiçaria
Manuel Acosta	1634	LANZAROTE	Resid.	Pedreiro
Manuel Aguiar	1632-1639	LANZAROTE	Resid.	
Manuel Armas	1599	TENERIFE		Porto Santo/Inquisi.
Manuel Baéz	1557	TENERIFE		Mestre noviço
Manuel Correa	1668	LANZAROTE	V.º	
Manuel Dias Cea	1639	LANZAROTE	Est.	
Manuel Dias Lima	1637	LANZAROTE	Est.	
Manuel F...	1633	LANZAROTE	Resid.	Piloto
Manuel Fernandes	1630	LANZAROTE	Est.	Sastre
Manuel Fernádes	1634	LANZAROTE	Resid.	Mareante
Manuel Fernádes Gosme	1627-1630	LANZAROTE	Est.	
Manuel Fernández	1620-1625	LANZAROTE	V.º	
Manuel Ferreira Teixeira	1653	LANZAROTE	Resid.	
Manuel Gómez	1632-1640	LANZAROTE	Es./Re.	
Manuel Gonçalves	1638	LANZAROTE	Est.	Aprendiz sapateiro
Manuel Gonçalves Teixeira	1631	LANZAROTE	V.º	Pedreiro
Manuel Lima	1641	LANZAROTE	Resid.	
Manuel Lópes	1623-1632	LANZAROTE	Es./Re.	Sapateiro
Manuel Luis	1620-1625	GRAN CANARIA	V.º	
Manuel Moca	1638	LANZAROTE	Resid.	Soldado
Manuel Pacheco Garcès	1635	LANZAROTE	Resid.	Sapateiro
Manuel Perera	1610	TENERIFE		Pedreiro/Inquisição
Manuel Perera Jardim	1631	LANZAROTE	V.º	
Manuel Peres Cuello	1628	LANZAROTE		

Manuel Rincón Pereira	1640	LANZAROTE		Feitiçaria
Manuel Rodrigues	1631	LANZAROTE	Resid.	Sapateiro
Manuel Rodriguez	1589	TENERIFE		Inquisição
Manuel Silva	1639-1640	LANZAROTE	Est.	Mulato, apr. sapat.
Manuel Váz Costa	1631	LANZAROTE	Est.	Sapateiro
Manuel Vieira	1638	LANZAROTE	Resid.	
Margarida Díaz	1613	LANZAROTE		Feitiçaria
María Acosta	1631	LANZAROTE		Feitiçaria
María Afonso	1525	GRAN CANARIA	Est.	
María Dias	1646	LANZAROTE	V. <sup>a</sup>	Vendeira
María González	1620-1625	LANZAROTE	Resid.	
María Lugo	1610	TENERIFE		Vendeira/Inquisição
María Machada	1581-1582	LANZAROTE		Fetiçaria
María Machada, irmã de...	1581-1582	LANZAROTE		Oleiro/Fetiçaria
María Ramirez	1587	TENERIFE	Est.	
Martim Fernández	1511	TENERIFE	Est.	
Martim Fernandez	1620-1625	LANZAROTE	Resid.	
Mateo Fernandes e filho	1523	LA PALMA	V. <sup>o</sup>	
Mateo Perera	1635	LANZAROTE	Resid.	
Matias Gonçalves	1622-27	LANZAROTE	Est.	
Matias Herrera	1599	TENERIFE		Porto Santo/Inquis.
Melchor Fernandez	1620-1625	LANZAROTE	Resid.	
Melchor Santiago	1591	LANZAROTE		Carpinetiro/Feitiçar
Mencia Rodriguez	1589	TENERIFE		Inquisição
Miguel Martínez	1522	TENERIFE		
Miguel Márquez	1620-1625	LANZAROTE	Resid.	
Nuno Rodriguez Freitas	1629	LANZAROTE	Est.	
Pedro Afonso	1640	LANZAROTE		Feitiçaria
Pedro Alvarez	1620-1625	LANZAROTE	Est.	



1. MADEIRENSES NAS CANÁRIAS (Cont.)

NOME	DATA	ILHA	SITUAÇÃO	OBSERVAÇÃO
Pedro Blanco	1620-1625	LANZAROTE	Est.	
Pedro Fernández	1620-1625	LANZAROTE	Resid.	
Pedro Fernández	15??	GRAN CANARIA	Est.	
Pedro Ferreira	1637	LANZAROTE	Est.	
Pedro González	1620-1629	LANZAROTE	Resid.	Sapateiro
Pedro Luís	1534	TENERIFE	Est.	
Pedro Martín	1617	LA PALMA		Toneleiro/Inquisição
Pedro Videla	1618	LANZAROTE		Feitiçaria
Pedro Yanes	1511-1550	TENERIFE	Est.	
Pedro Alvares	1546	GRAN CANARIA		Mestre de açúcar
Pero Condeso	1639	LANZAROTE	V.º	
Pero Fernández	1511	TENERIFE	Est.	
Pero Martins	1633	LANZAROTE	Est.	
Pero Nunes Ferrera	1639-1640	LANZAROTE	Est.	
Rodrigo Afonso	1589	TENERIFE		Mulato, criado/Inqui.
Rodrigo Leme	1639	LANZAROTE		
Rodriguáñez	1554	TENERIFE		
Roque Ferreira	1629-1630	LANZAROTE	Es./Re.	
Roque Figueiredo	1627-1629	LANZAROTE	Est.	
Rui Díaz	1524	GRAN CANARIA		Guantero
Sabina Rodriguez	1589	LANZAROTE		Feitiçaria
Salvador Rodrigues Azeved	1638	LANZAROTE	V.º	
Sebastiam Gonçalves Conde	1639	LANZAROTE	Resid.	
Sebastião Rodrigues Oliva	1619-1638	LANZAROTE	Es./v.º	
Siman Lópes	1631	LANZAROTE	Est.	Surrador

*1. MADEIRENSES NAS CANÁRIAS (Cont.)*

<b>NOME</b>	<b>DATA</b>	<b>ILHA</b>	<b>SITUAÇÃO</b>	<b>OBSERVAÇÃO</b>
Simón Alvares	1638-1639	LANZAROTE	Est.	
Simón Gutiérrez	1620-1625	LANZAROTE	Resid.	
Tomé Cordero	1645	LANZAROTE	Resid.	
Tomé Alvelo	1625	LANZAROTE	Reisd.	
Tomé Gonçalves	1635	LANZAROTE		Feitiçaria
Tomé Rodríguez	1630	LANZAROTE	Est.	Sapateiro
Vasco Machado	1525	GRAN CANARIA	Est.	

## 2. MERCADORES DA MADEIRA NAS CANÁRIAS

NOME	DATA	MORADA	SITUAÇÃO
Juan de Porras	1521	Gran Canaria	Estante
Juan Baptista Espindola	1631	Lanzarote	Estante
Pedro Correa	1581-1582	Lanzarote	
Gonçalo de Barrios	1581-1582	Lanzarote	
Pedro Martínez	1620-1625	Lanzarote	Residente
Antonio González Luis	1626-1632	Lanzarote	Residente
Francisco González	1620-1631	Lanzarote	Residente
Amador Lorenzo	1612-1622	Lanzarote	Estante
Péres Afonso	1620-1625	Lanzarote	Residente
Gonzalo de Sosa	1620-1625	Lanzarote	Residente
Francisco Vieira	1620-1625	Lanzarote	Estante
Juan Vieira	1619	Lanzarote	Estante
Bastián Castaño	1620-1625	Gran Canaria	Vizinho
Gómes de los Abuelos	1620-1625	Lanzarote	Residente
Juan Rodríguez	1620-1625	Lanzarote	Residente
Francisco Rodríguez	1623-1630	Lanzarote	Residente
Domingo Pires	1638-1641	Lanzarote	Residente
Francisco Martín	1639	Lanzarote	Residente
Cristóvão Lopes	1639	Lanzarote	Residente
Martin Gomes	1639	Lanzarote	Residente
Francisco Dias Araña	1626-1637	Lanzarote	Residente
Domingos de Caires	1639	Lanzarote	Vizinho
Domingos de Figueiredo	1639	Lanzarote	Estante
Antonio Martins Barreto	1622	Lanzarote	Estante
Jacques Richarte	1631	Lanzarote	Residente (inglês)
Manuel de Sosa	1636	Lanzarote	Residente
Blas de Freitas Correa	1629	Lanzarote	Estante
Juan de Affonseca	1629	Lanzarote	Residente
Amador Coelho	1632	Lanzarote	Residente
Antonio Vaz Nogueira	1638-1640	Lanzarote	Estante
Manuel Dias Lima	1638	Lanzarote	Residente
Roque Ferreira	1634-1638	Lanzarote	Estante
Melchor Gonçalves	1639	Lanzarote	Estante
Diogo de Figueiredo	1639	Lanzarote	Residente
Martins Gomes	1639	Lanzarote	Estante
Fernando Rodrigues	1628-1632	Lanzarote	Estante/Vizinho
Miguel Martinez	1524	Gran Canaria	
Andrés de Paiva	1640	Lanzarote	Estante
Pedro Fernandes Tinoco	1623	Lanzarote	Residente
Luis Rodrigues	1625	Lanzarote	Residente

## 2. MERCADORES DA MADEIRA NAS CANÁRIAS (Cont.)

NOME	DATA	MORADA	SITUAÇÃO
Antonio Silva	1625	Lanzarote	Residente
Francisco Barra	1625	Lanzarote	Residente
Antonio Garcia	1626-1630	Lanzarote	Estante
Antonio Lopes	1626	Lanzarote	Residente
Antonio Goes	1626-1627	Lanzarote	Residente
Matias Gonçalves	1627	Lanzarote	Estante
Antonio Rodrigo	1627	Lanzarote	Estante
Antonio Rodrigo Perera	1629-1630	Lanzarote	Estante/Residente
Francisco Rodrigues	1629-1630	Lanzarote	Estante/Residente
Gonçalo de Silva	1630	Lanzarote	Estante
Fco. de Pimentel Resendes	1630	Lanzarote	Residente
Cosme Ramos	1630	Lanzarote	Estante
Blas Francisco Gonçalves	1630	Lanzarote	Estante
Pedro da Rocha Machado	1630	Lanzarote	Estante
Manuel Fernandes Cosme	1630	Lanzarote	Estante
Juan Roiz Castellanos	1630	Lanzarote	Estante
Roque Perera	1630	Lanzarote	Estante
Francisco Pimentel	1631	Lanzarote	Estante
Manuel de Almeida	1631	Lanzarote	Residente
Juan de Lima	1631	Lanzarote	Vizinho
Antonio Augusto	1632	Lanzarote	Residente
Gaspar Fernandes Figueira	1632	Lanzarote	Residente
Juan Suero	1632	Lanzarote	Residente
Pedro de Roejamausado (?)	1634	Lanzarote	Residente
Baltasar Veloso	1635-1639	Lanzarote	Estante
Baltasar de Aveiro	1636	Lanzarote	Residente
Domingos de Figueiredo	1638	Lanzarote	Estante
Francisco Manuel	1638	Lanzarote	Estante
Domingos Pires	1638	Lanzarote	Residente
Melchior de Sosa Perera	1639	Lanzarote	Estante
Pedro Unes Ferreira	1640	Lanzarote	Estante
Domingo Espiñero	1640	Lanzarote	Estante
Antonio Lopes	1627	Lanzarote	Estante
João Gonçalves	1600	Gran Canaria	Estante

### 3. CANÁRIOS NA MADEIRA

NOME	DATA	ILHA	SITUAÇÃO	OBS.
Martin Almeida	1530	Tenerife	Estante	Fidalgo
Joam Beringell	1543	La Palma	Estante	Tanoeiro, flamengo
Francisco da Silva	1551	Tenerife		
Catarina Francesa	1561	Hierro		
Domingos Gonçalves	1568	Gran Canaria		
Antonio Nunes	1574	Gran Canaria		
Jorge Gonçalves	1574	Gran Canaria		
Domingos Gonçalves	1574	Gran Canaria		
Maria de Figueiredo	1590	Gran Canaria		
Maria Cabreira	1590	Lanzarote		
João Baptista	1582	?		
Antonia Soeira	1590	Tenerife		
Diogo Lopes	1590	Tenerife		
Filho do Marquês	1594	Lanzarote		
Baltasar Andrade	1616	La Palma		Soldado
Afonso Cerdeña	1616	Gran Canaria		Soldado
Bastião Martins	1618	Gran Canaria		
Manuel Gomes	1618	Tenerife		
Bastião Dias	1624	Gran Canaria		Soldado
João da Cruz	1628	Tenerife		
Francisca Conceição	1633	La Palma		
Damião Rodrigues	1638	Tenerife		
Manuel Main	1656	Gran Canaria		
Bartolomeu Garcia	1616	Lanzarote		
Francisco Armas	1657	Tenerife		

### 3. CANÁRIOS NA MADEIRA (Cont.)

NOME	DATA	ILHA	SITUAÇÃO	OBS.
Antonio Iglesia	1658	Gran Canaria		
Miguel Pires	1565	La Palma		Mareante
Alonso Aguiar	1563	Gran Canaria		
Simão Pires	1568	La Palma		
Gaspar Rodrigues	1581	La Palma		
Cristóvão de Lugo	1602	Gran Canaria		Soldado
Pero de Vera	1602	Fuerteventura		
Maria Serras	1610	Gran Canaria		
Cristóvão Valdama	1610	Tenerife		Soldado
Manuel Martins	1614	Lanzarote		

### 4. FRETAMENTO DE EMBARCAÇÕES PARA O COMÉRCIO ENTRE A MADEIRA E AS CANÁRIAS

DATA	PERCURSO	CARGA
1523-I-12	Santa Cruz (Madeira)/Canárias	Vinho, laranjas, 1 escravo negro
1523-V-27	Santa Cruz (Madeira)/Canárias	Pano (estopa, buriel, liteiro)
1523-X-29	Funchal/Canárias	20 pipas de vinho
1523-X-29	Funchal/Canárias	Fruta verde, trigo, alhos
1524-VI-12	Santa Cruz (Madeira)/Canárias	384 arrobas retame
1524-VI-23	Santa Cruz (Madeira)Canárias	184 arrobas de meles mascavados
1569	Madeira/Gran Canaria	Sumagre
1580	Madeira/Gran Canaria	Sumagre

1586	Madeira/Gran Canaria	Sumagre, esparto, amêndoas, nozes
1611	Madeira/La Gomera/Tenerife	Roupa
1614	Madeira/Gran Canaria	Doces, linho, lanço e pipas
1619-II-16	Madeira/Lanzarote	?
	Madeira/Lanzarote	?
	Madeira/Gran Canaria	Sumagre
	Madeira/Gran Canaria	Tecidos
	Madeira/Gran Canaria	Sardinhas
	Madeira/Gran Canaria	Livros
	Madeira/Gran Canaria	Lenço
	Madeira/Lanzarote	?
	Madeira/Lanzarote	?
1620-II-26	Madeira/Lanzarote	34 pipas de vinho, 4 sacos de sumagre, 75 alqueires de nozes.
1620-II-28	Madeira/Tenêrife	1 pipa de malvasia, 8 caixas de açúcar, 4 arrobas de sumagre, conserva, casca, mermelada
1620-III-16	Madeira/Gran Canaria	Linho, 16 pipas vinho, conserva
1631-V-20	Madeira/Lanzarote	Roupa, gargantilhas, canastra de vinho, pipas
1637	Madeira/Gran Canaria	Esparto
1638-XII-14	Madeira/Lanzarote	Vinho, esparto
1668	Madeira/Lanzarote	?
1669	Madeira/Lanzarote	Vinho, lâ, doces
1670	Madeira/Lanzarote	Vinho, fruta, doces, sumagre
1675	Madeira/Lanzarote	Escravos, aguardente, açúcar, tabaco, azeite de peixe
	Madeira/Tenerife (Puerto de la Cruz)	?
	Madeira/Tenerife (Puerto de la Cruz)	?
1678	Madeira/Lanzarote	Vinho, vinagre, mel, nozes, doces, aguardente
1680	Madeira/Lanzarote	Sardinha, bacalhu, louça branca
1681	Madeira/Gran Canaria/Berberia	?

**4. FRETAMENTO DE EMBARCAÇÕES PARA O COMÉRCIO ENTRE  
A MADEIRA E AS CANÁRIAS (Cont.)**

DATA	PERCURSO	CARGA
	Madeira/Lanzarote	Sal
1682	Madeira/Gran Canaria	Açúcar, favas, lenço
1682-III-17	Madeira/Lanzarote/Gran Canaria	38 pipas vinho, 17 sacos sumagre, pano, nozes, remel, 1 escravo, marmelada
1682-V-5	Madeira/Lanzarote	3 pipas de vinho
1682-VIII-6	Madeira/Gran Canaria	12 sacos sumagre, fruta verde, nozes, remel, pano
1682-X-30	Madeira/Gran Canaria	11 pipas vinho, 2 sacos sumagre, fruta, nozes, castanhas, pano, marmelada
1683-V-?	Madeira/Lanzarote	12 pipas vinho, alhos, sumagre, mel, arcos, pano, nozes
1683	Madeira/Gran Canaria/Berberia	Tabaco
1685	Madeira/Gran Canaria	?
1690	Madeira/Tenerife (Puerto de la Cruz)	Bacalhau, asardinha, carne de porco
1692	Madeira/Tenerife (Puerto de la Cruz)	Madeiras para pipa
1694	Madeira/Tenerife (Puerto de la Cruz)	Madeiras para pipa
	Madeira/Tenerife (Puerto de la Cruz)	Madeiras para pipa
1696	Madeira/Gran Canaria	Louça, roupa
1698	Madeira/Gran Canaria	Açúcar, doces, vinho, louça



**5. FRETAMENTO DE EMBARCAÇÕES PARA O COMÉRCIO  
ENTRE AS CANÁRIAS A MADEIRA**

<b>DATA</b>	<b>PERCURSO</b>	<b>FRETE</b>	<b>MERCADORIA</b>
1506-IX-2	Tenerife (Santa Cruz)/Madeira		?
1508-II	Tenerife (Santa Cruz)/Madeira		Trigo e pipas vazias
1509-VI-15	Tenerife (Santa Cruz)/Madeira	12.000 mrs.	Pez
1511-VII-3	Tenerife (Santa Cruz)/Madeira/Baiona	500 mrs. tonelada	300 quintais de pez, 40 fanegas de trigo
1520-VII-31	Tenerife (Santa Cruz)/Madeira	27 e 1/2 ducados	Trigo
1522-VII-28	Tenerife (Santa Cruz)/Madeira		Trigo
1523-III-21	Tenerife (Santa Cruz)/Madeira/Tavira/ Cádiz	45 mrs. quintal	400 quintais de pez, 190 fanegas de trigo
1524-I-14	Tenerife (Santa Cruz)/Madeira		Cevada
1524-VIII-16	Tenerife (Santa Cruz)/Madeira	700 mrs. fanega	600 fanegas de trigo
1526-X-9	Lanzarote/Madeira		Gado, queijo
1619-II-16	Lanzarote/Madeira	2 1/2 rs. fanega	Trigo
	Gran Canaria/Madeira		Cereal
1621-VI-29	Fuerteventura/Madeira		?
	Gran Canaria/Madeira		Tabaco
	Lanzarote/Madeira		Queijo e lão
	Gran Canária/Madeira		Madeiras
	Lanzarote/Madeira		Trigo
1625	Lanzarote/Madeira		Toucinho, couros
1627-II-30	Lanzarote/Madeira	600 rs.	3.500 queijos
1627-VI-29	Lanzarote/Madeira		Couros, toucinho, pipas
1628-I-10	Lanzarote/Madeira	1.350 rs. novos	?
1628-VIII-15	Lanzarote-Madeira	330 rs.	Sal

**5. FRETAMENTO DE EMBARCAÇÕES PARA O COMÉRCIO  
ENTRE AS CANÁRIAS A MADEIRA (Cont.)**

<b>DATA</b>	<b>PERCURSO</b>	<b>FRETE</b>	<b>MERCADORIA</b>
1629-XII-12	Lanzarote/Madeira		24 fanegas centeio
1630-I-11	Lanzarote/Madeira	1.150 rs. novos	?
1630-VII-14	Lanzarote/Madeira		Carne, toucinho, carneiros, queijo
1630-VII-15	Lanzarote/Madeira		Sal
1631-XI-1	Lanzarote/Madeira	7 rs. quintal	Urzela
1634-IX-7	Lanzarote/Madeira		52 fanegas de trigo
1637-X-21	Lanzarote/Madeira		500 fanegas de trigo
1639-II-7	Lanzarote/Madeira		10 fanegas de trigo
1639-VI-6	Lanzarote/Madeira		240 fanegas de trigo
1640-IX-11	Lanzarote/Madeira	410 rs fanega	Cereal